



Mensagem de Inspiração



O amor é tão eterno quanto o espírito do homem; e se o homem continua existindo após a morte, o que é certo, assim também o amor...

Se as coisas terrenas são típicas das coisas celestiais, no mundo espiritual haveremos de reconhecer nossos entes queridos e amá-los como os amávamos aqui. Tenho mais amor à minha mulher do que a outras pessoas. Amo a meus filhos. Posso sentir simpatia; posso ter o desejo de ajudar toda a humanidade, mas amo aquela a cujo lado fiquei vigiando um ente querido enfermo ou, quem sabe, presenciei sua morte. Essas experiências unem os corações, e é um pensamento glorioso saber-se que a morte não consegue separar as almas assim unidas; pois cada um de vós, maridos, reconhecerá sua esposa no mundo vindouro e amá-la-á tanto quanto a amou aqui, ressurgindo para uma novidade de vida eterna na ressurreição. Por que haveria a morte de separá-los, se o amor perdura além da morte?

Não deve e nem precisa ser assim... Na casa do Senhor, onde é celebrada a cerimônia matrimonial, por representantes devidamente autorizados de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, efetua-se a união entre marido e mulher, e entre pais e filhos para o tempo e toda a eternidade... Aos que forem assim casados, a família persistirá pela eternidade.

Este é um dos propósitos dos templos.

Presidente David O. McKay
(Extraído do discurso de dedicação do Templo Suíço.)

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans
John E. Carr
Doyle L. Green
Dean L. Larsen
Daniel H. Ludlow
Verl F. Scott

EXECUTIVO DO INTERNATIONAL MAGAZINE

Larry Hiller, Editor Gerente
Carol Larsen, Editor Associado

EXECUTIVO DA "A LIAHONA"

José B. Puerta, Editor Responsável
José B. Puerta, Editor de Parte Nacional

SUPERVISOR DE LAYOUT

Luiz Rubião Silva

REGISTRO

Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob o no. 1151-P.209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079, São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea: US\$ 10,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 2,00; exemplar atrasado: Cr\$ 2,50. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — Edição brasileira do "International Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857

CAPA:

Templo de
Washington

NESTE NÚMERO

- 2 **Mensagem de Inspiração** Presidente David O. McKay
- 4 **Templos e Casamento para a Eternidade** Presidente Spencer W. Kimball
- 8 **Projeto de um Templo**
- 10 **Templo da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias**
- 16 **A Finalidade desses Templos** Élder Gordon B. Hinckley
- 19 **Diário Mórmon**
- 22 **Flores** Maria Schilling
- 23 **Fé**
- 24 **Nossos Amigos Missionários**
- 26 **Só para Divertir**
- 28 **O Que o Pai faz está Sempre Certo** Hans Christian Andersen
- 31 **Matthew Cowley** História Excepcionais da Vida de Nossos Apóstolos
- 34 **Minha História**
- 37 **Por Aqueles que Estão Esperando** Hoyt Palmer
- 39 **O Poder de Elias** Élder Theodore M. Burton
- 41 **Rapazes Precisam de Homens** Élder Marion D. Hanks
- 45 **Três Dias no Sepulcro** Élder Eldred G. Smith

de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editora Gráfica Lopes, Rua Peribeubú, n.º 331, Telefone 276-4893, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.



Templos e Casamento para a Eternidade

por Presidente Spencer W. Kimball

O casamento no templo é um convênio que ultrapassa a morte, transcende o tempo e se estende inabalável pela eternidade

A vida é eterna. A morte não extingue a existência humana. O homem continua vivendo e seja bom ou mau, será ressuscitado. Seu espírito voltará a unir-se ao corpo sepulto e, se ele tiver aperfeiçoado sua vida e magnificado as oportunidades dadas por Deus, este espírito e corpo serão unidos numa nova imortalidade sem fim.

As sublimes alegrias da genuína vida matrimonial podem continuar. Os mais belos vínculos entre pais e filhos podem tornar-se permanentes. A sagrada associação de famílias poderá ser infinita, se marido e mulher houverem sido selados nos sagrados laços do matrimônio eterno. Sua fecilidade e progresso jamais terão fim, mas isto jamais acontecerá automaticamente.

O caminho está bem definido e claro. O casamento para a eternidade era conhecido de Adão e outros profetas, mas esse conhecimento foi perdido e continuou ausente da terra por muitos séculos. Deus restaurou as verdades e providenciou os meios. Com a restauração do Evangelho, veio igualmente o Sacerdócio genuíno, e Deus concedeu ao seu profeta todas as chaves, poderes

e autoridades possuídas por Adão, Abraão, Moisés e os apóstolos primitivos.

Deus restaurou o conhecimento acerca dos templos e do seu propósito. Hoje em dia existem na terra edifícios sagrados construídos para esta obra especial do Senhor, e cada um deles é a "Casa do Senhor". Nesses templos, trabalham homens investidos da devida autoridade para selarem cônjuges e filhos para toda a eternidade. Isso é um fato, ainda que desconhecido de muita gente.

Este é um dos mistérios mencionados pelo Redentor que, ensinando a multidão por meio de parábolas, dizia: "... Abrirei em parábolas a minha boca; publicarei coisas ocultas desde a criação do mundo." (Mat. 13:35)

Essas verdades inestimáveis não são entendidas pelo leitor casual das Escrituras:

"Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus.

“Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.” (I Cor. 2:11,14)

É inconcebível que pessoas, sob outros aspectos inteligentes, astutas e altamente instruídas, ignorem ou desdenhem voluntariamente esse grande privilégio. As portas podem ser destravadas. A brecha pode ser transposta. E o homem pode seguir seguro e garantido para a felicidade sem fim, tornando seu casamento eterno.

Explicando o uso de parábolas, diz o Salvador:

“...Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado;

“Porque o coração deste povo está endurecido, e ouviram de mau grado com seus ouvidos, e fecharam seus olhos, para que não vejam com os olhos, e ouçam com os ouvidos, e compreendam com o coração, e se convertam, e eu os cure.” (Mat. 13:11,15)

E a seguir, dirigindo-se aos discípulos que estavam perto e o compreendiam, disse:

“Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem.

“Porque em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vós vedes, e não o viram; e ouvir o que vós ouvís, e não o ouviram.” (Mat. 13:16-17)

O Senhor sabia que aqueles que são sinceros e realmente querem conhecer os mistérios do reino, buscariam e pesquisariam piedosamente até se instruírem por si.

É bem conhecida a resposta do Senhor aos hipócritas saduceus que, procurando fazê-lo trair-se, lhe propuseram este difícil problema:

O marido morreu sem deixar posteridade, e a mulher casou-se com um cunhado que também não deixou semente. Ela, por sua vez, desposou um terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo irmão, tudo de acordo com a lei de Moisés; depois a mulher dos sete maridos também morreu. Agora, eis a questão:

“Na ressurreição pois, quando ressuscitarem, de qual destes será a mulher? Porque os sete a tiveram por mulher. (Marcos 12:23) A resposta do Redentor foi clara, concisa e irrefutável:

“Porventura não errais vós em razão de não saberdes as Escrituras nem o poder de Deus?” (Marcos 12:24)

E agora, perguntamos nós, o que significa isto? Os saduceus estavam discutindo assuntos dos quais tinham pouco ou nenhum conhecimento. A voz de Jesus era, acaso, acusadora? Estaria ele dizendo aos saduceus: “Abri vossos olhos cegos e vede? Abri vossos corações empedernidos e compreendei?”

Amigos, entendem as implicações e a verdade dessa afirmativa do Senhor? Embora um tanto velada nas Escrituras, ela se torna clara e compreensível, quando apoiada na revelação moderna.

Diz o Dr. James E. Talmage: “O que o Senhor queria dizer era claro: que na situação de ressurretos, não poderia haver dúvida entre os sete irmãos, quanto a quem pertencia a mulher para a eternidade, uma vez que todos, com exceção do primeiro, se haviam casado com ela pelo tempo de duração de suas vidas mortais somente... Na ressurreição, não haverá casar-se nem ser dado em casamento; pois que todas as questões de situação matrimonial devem ser resolvidas antes daquela ocasião, sob à autoridade do Santo Sacerdócio, que tem o poder de selar em casamento, tanto para o tempo quanto para a eternidade.” (Jesus, o Cristo, p. 530)

Indubitavelmente, o primeiro marido desposou a mulher para a eternidade, em cerimônia não limitada pelo tempo. A mulher tornou-se viúva pela morte dele até que ela própria viesse a morrer também e reunir-se novamente ao esposo. Agora, ela casou-se com o irmão número dois, “até que a morte os separe” e decididamente foram separados antes mesmo que houvesse posteridade; ele seguiu para o mundo espiritual atravessando o véu sem esposa alguma, pois o contrato de ambos terminara com a morte. E os irmãos número três, quatro, cinco, seis e sete, por sua vez — todos a desposaram em casamento temporário, em cerimônias em que havia a limitação: “enquanto ambos viverem”. E a morte pôs fim à eventual felicidade que tiveram, e a qualquer promessa de futura bem-aventurança.

Que triste! Que melancólico!

Conheci um jovem par, cujo casamento promissor terminou com um acidente automobilístico uma hora depois da cerimônia, que incluiu estas perigosas palavras: “até que a morte vos separe”.

O casamento civil é um contrato terreno que chega ao fim com a morte de uma das partes. O casamento para a eternidade é um sagrado convênio entre homem e mulher, consagrado no santo templo, por servos de Deus que possuem as chaves da autoridade. Ele ultrapassa a morte, abrangendo tanto o tempo como a eternidade.

O Apóstolo Paulo dizia aos coríntios:

“Se esperamos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens.” (1 Cor. 15:19) E nós poderíamos parafraseá-lo assim:

“Se só nesta vida nosso casamento é firme, nossa bem-aventurança marital é verdadeira e nossa vida fami-

liar é feliz, somos os mais miseráveis de todos os homens.”

Paulo continua: “E há corpos celestes e corpos terrestres, mas uma é a glória dos celestes e outra a dos terrestres.

“Uma é a glória do sol, e outra a glória da lua, e outra a glória das estrelas; porque uma estrela difere em glória doutra estrela.

“Assim também a ressurreição dos mortos...”
(1 Cor. 15:40-42)

Paulo compreendia, como certamente muitos outros santos; porém, milhões de cristãos de hoje não entendem estas verdades vitais, que foram veladas na linguagem alegórica das parábolas. O céu não é um único lugar ou condição. É tão diversificado quanto são diferentes os padrões comportamentais dos homens, pois o homem será julgado “de acordo com suas obras na carne”.

Nas revelações modernas, diz o Senhor:

“Portanto, prepara o teu coração para receber e obedecer às instruções que estou prestes a te dar; pois todos a quem esta lei é revelada devem obedecer a ela.

“Pois eis que eu te revelo um novo e eterno convênio...”

(D&C 132:3-4)

Embora relativamente pouca gente no mundo o saiba, o novo e eterno convênio é a ordenança do casamento, realizada no templo santo, por líderes devidamente constituídos e que possuem as genuínas chaves da autoridade. Esta gloriosa bênção está ao dispor de homens e mulheres neste mundo. O profundo propósito subjacente é esclarecido pelo próprio Redentor:

“E, no que diz respeito ao novo e eterno convênio, foi instituído para a plenitude de minha glória; e aquele que recebe de sua plenitude guardará a lei, ou será condenado, diz o Senhor Deus.” (D&C 132:6)

Paulo falou de regiões telestes, terrestres e celestes, para as quais as pessoas são designadas de acordo com sua retidão e cumprimento das leis eternas. Até mesmo o reino celeste tem três céus ou graus. Continuamos citando as palavras do Senhor:

“E para obter o grau mais elevado, o homem precisa entrar nesta ordem do Sacerdócio [significando o novo e eterno convênio do casamento];

“E, se não, não poderá obtê-lo.

“Poderá entrar no outro, mas esse será o fim do seu reino; ele não poderá ter progênie.” (D&C 131:2-4)

O Senhor esclarece mais sobre o casamento eterno:

“...Todos os convênios, contratos, laços, obrigações, votos, promessas, realizações, conexões, associações ou expectativas que não forem feitos e selados



pelo Santo Espírito da promessa, e por meio daquele que é ungido, tanto para esta vida como para toda a eternidade... não terão eficácia, virtude ou vigor algum na ressurreição dos mortos; nem depois dela, pois todos os contratos que não forem realizados com esse propósito, têm fim quando os homens morrem.” (D&C 132:7)

Portanto, os casamentos celebrados unicamente para “enquanto ambos viverem”, ou “até que a morte os separe”, terminam tristemente, quando se exala o último suspiro mortal.

O Senhor é misericordioso; porém, a misericórdia não pode roubar a justiça. Sua misericórdia foi-nos oferecida quando morreu por nós; sua justiça prevalece quando nos julga e nos concede as bênçãos que realmente merecemos.

“...a ninguém é permitido rejeitar este convênio e entrar na minha glória”, diz o Senhor.

“Pois todos os que receberem uma bênção de minhas mãos obedecerão à lei e às condições que, desde antes da fundação do mundo, foram instituídas para o recebimento daquelas bênçãos.” (D&C 132:4-5)

O casamento civil pode ser celebrado por qualquer dos numerosos indivíduos aprovados pelas leis do respectivo país, mas o casamento eterno tem de ser solenizado por um dos poucos devidamente autorizados. Cristo diz:

“Aceitarei eu, diz o Senhor, uma oferta que não seja feita em meu nome?

“Ou receberei eu de tuas mãos aquilo que não designei?” (D&C 132:9-10)

É o Redentor quem afirma:

“Portanto, se um homem tomar para si uma esposa no mundo, e não for casado por mim nem por minha palavra, e se comprometerem por esta vida, ele com ela e ela com ele, o seu convênio e casamento não será

válido quando morrerem, e quando estiverem fora do mundo; portanto, não estarão ligados por lei alguma, quando não estiverem neste mundo.” (D&C 132:15)

“Eu sou o Senhor teu Deus; e te dou este mandamento — Ninguém virá ao Pai senão por mim ou pela minha palavra, a qual é a minha lei, diz o Senhor.” (D&C 132:12)

A seguir reitera que “. . . tudo o que existe neste mundo, quer seja ordenado por homens, por tronos, quer por principados, poderes, ou coisas de renome, seja o que for, que não forem por mim ou pela minha palavra, diz o Senhor, serão derribados, e não permanecerão depois que os homens morrerem, nem na ressurreição nem depois dela, diz o Senhor teu Deus.” (D&C 132:13)

Como isto é termirante! Como é assustador! Uma vez sabendo que a morte terrena não extingue nossa existência, que continuaremos vivendo para todo o sempre, quão devastador não é reconhecermos que o casamento e a vida familiar, tão doce e feliz em muitos lares, terminará com a morte, porque deixamos de seguir as instruções de Deus, ou porque rejeitamos a sua palavra depois de a termos entendido.

O pronunciamento do Senhor deixa claro que os homens e mulheres justos receberão as devidas recompensas por suas obras. Não serão condenados no sentido comumente aceito, mas sofrerão muitas limitações e carências, e deixarão de atingir o céu mais elevado, se não obedecerem. Tornar-se-ão servos ministradores daqueles que cumpriram todas as leis e viveram todos os mandamentos.

Ele então prossegue, referindo àquelas excelentes pessoas que viveram dignamente, mas que falharam em solenizar seus contratos:

“Pois estes anjos não guardaram a minha lei; portanto, não podem progredir, mas permanecem separados e solteiros, sem exaltação no seu estado de salvação por toda a eternidade; e portanto, não são deuses, mas anjos de Deus para todo o sempre.” (D&C 132:17)

Quão conclusivo! Quão demarcado! Quão restritivo! E mais uma vez, damo-nos conta de que este tempo, esta vida, esta mortalidade é o tempo de nos prepararmos para o encontro com Deus (Alma 34:32). Quão solitário e árida não será a assim chamada bem-aventurança isolada, por toda a eternidade! Quão triste ver-se separado, só, e isolado durante eras incontáveis, quando se poderia, preenchendo os requisitos, ter tido um casamento feliz para a eternidade, celebrado no templo, pela devida autoridade, e continuar avançando em crescente alegria e felicidade, desenvolvendo o progresso no rumo da divindade.

Ouçam mais uma vez o Senhor:

“Na verdade, na verdade te digo, a não ser que guardes a minha lei, não obterás esta glória.

“Pois estreita é a porta e apertado o caminho que leva à exaltação e à continuação das vidas, e poucos há que o encontram, porque no mundo não me recebeis nem me achareis.

Mas, se me aceitardes no mundo, então me conhecereis e recebereis a vossa exaltação; para que onde eu estiver, estejais vós também.

“Isto é vidas eternas — Conhecer o único sábio e verdadeiro Deus, e Jesus Cristo, a quem ele enviou. Eu sou ele. Recebei vós, portanto, a minha lei.

“Larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz às mortes; e muitos há que entram por ela, porque não me recebem, nem guardam a minha lei.” (D&C 132: 21-25)

Se a pessoa recebe o Senhor, há de crer nele, viver seus mandamentos e executar as ordenanças que exigiu.

Estareis vós acaso dispostos a comprometer vossas eternidades, vossa grande felicidade contínua, vosso privilégio de ver a Deus e habitar em sua presença? Por causa da falta de conhecimento, estudo e meditação; por causa de preconceitos, mal-entendidos ou falta de sabedoria, estareis dispostos a perder essas grandes bênçãos e privilégios? Estarei desejoso de fazer-vos viúvos para a eternidade, ou viúvas para todo o sempre — indivíduos sós, isolados, vivendo sozinhos e servindo os outros? Estareis inclinados a abrir mão de vossos filhos, quando morrerem, ou quando vós morrerdes, tornando-se órfãos? Estareis dispostos a viver sozinhos e solitários na eternidade, quando todas as maiores alegrias que já experimentastes na vida poderiam ser “acrescidas”, acentuadas, multiplicadas e eternizadas? Estareis desejosos, como os saduceus, de ignorar e rejeitar essas grandes verdades? Rogo-vos sinceramente que pareis hoje para pesar e meditar e que depois prosigais piedosamente, para tornar eterno o vosso casamento. Amigos, por favor, não ignoreis este apelo. Eu vos peço, abri os olhos e vede; destapai os ouvidos e ouvi.

Um casamento para a eternidade, somado a uma vida digna e continuamente consagrada, vos trará ilimitada felicidade e exaltação.

Permiti-me concluir com as palavras do Senhor das Hostes:

“Aconselho-te que de mim, compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e vestidos brancos, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas.” Apoc. 3:18)

Projeto De Um Templo

Os arquitetos empenharam-se, sob a direção da Primeira Presidência, para conceber um projeto à altura.



Não consigo pensar em nenhum encargo, recebido por um arquiteto SUD, que fosse mais honroso do que trabalhar num templo para noso Pai Celestial.”

Este é o sentimento de Emil B. Fetzer, arquiteto da Igreja que projetou os templos de Provo e Ogden. O Irmão Fetzer fez a seleção inicial de arquitetos para o projeto do Templo de Washington, sendo aprovados pela Primeira Presidência para esta obra; Harold K. Beecher, Henry P. Fetzer, Fred L. Markham e Keith W. Wilcox.

Embora estes quatro irmãos nunca houvessem trabalhado juntos, aceitaram o encargo de projetar o templo e tornaram-se uma equipe de alta criatividade, animada pelo espírito especial de inspirações individuais, que se foram fundindo gradualmente, até produzirem um projeto inspirado.

Satisfeita com a planta funcional dos templos de Provo e Ogden, a Primeira Presidência determinou aos arquitetos que o Templo de Washington deveria apresentar a mesma dis-

posição inovadora de sala única de sessão (salas de ordenanças dispostas em torno da sala celestial); foi especificado ainda que o edifício deveria ter beleza, significado e distinção.

O Irmão Markham ficou encarregado do projeto, e o trabalho começou. O espírito especial dos arquitetos é ilustrado por dois procedimentos iniciais que adotaram: as sessões de planejamento eram iniciadas com oração e não havia votação. Qualquer divergência era debatida, até chegarem a uma plena concordância.

Estes homens esboçaram seus próprios projetos e os compilaram para exame e síntese. Cada um deles viveu a experiência de lutar com uma idéia, “ponderá-la em sua mente”, (D&C 9:8) e compartilhá-la com os colegas. Após comentários e críticas, gradualmente foi surgindo o projeto final: uma estrutura de múltiplas torres que, de certo modo, lembrava o Templo de Lago Salgado.

A planta, um hexágono com torres nos cantos, eventualmente foi alon-

gada em forma modificada de losango. Quando a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze aprovaram o projeto, os arquitetos tiveram a confirmação de que seu esforço e orações haviam sido produtivos.

O edifício é construído em concreto reforçado. A fim de permitir a entrada de luz natural no templo sem quebrar a imagem de solidez, criada pela massa de paredes profundamente estriadas, foram adotadas "janelas" de mármore translúcido. Estas dão a impressão de parede sólida vistas de fora, mas criam faixas de rico colorido pelo lado de dentro.

As janelas de vidro facetado nas extremidades leste e oeste são extraordinariamente belas. São feitas de peças de vidro colorido de aproximadamente 2,5 cm de espessura, facetadas nas bordas, a fim de aumentar a refração.

Os vãos dessas janelas têm pouco mais de dois metros de largura, e se estendem numa contínua faixa de luz colorida desde o piso até o topo do templo. Na base, as cores são ricas e vibrantes — tons de vermelho e laranja — mas à medida que sobem, vão cedendo lugar a tonalidades mais claras: azul, violeta e finalmente branco. Segundo o Irmão Henry Fetzer, essa mudança de cores simboliza a pureza e claridade que se apossa da vida da pessoa à medida que abandona as preocupações terrenas e se eleva às coisas celestiais.

As cores internas também se alteram. Painéis de nogueira e carpetes azul-escuros vão dando lugar a mais e mais branco com toques de dourado. A sala celestial, com paredes e teto brancos, é atapetada num tom de pálido ouro adamascado. Plantas fornecem o único outro colorido.

Outra característica singular é o desenho das portas da entrada principal, e os portões de correr na entrada do anexo norte. Oito medalhões de bronze de autoria do escultor SUD, Franz Johansen, retratam a Ursa Maior e a Estrela Polar, a terra, os planetas, a lua, os astros, círculos concêntricos representando a eternidade, a tradicional imagem do sol dos templos, e sete pentágonos concêntricos representando as sete dispensações. Esses ornamentos são símbolos da criação, mortalidade e graus de glória.

O espelho d'água de 32 m por 16 m, no lado sul do templo, apresenta o mesmo formato de losango alongado do edifício. A água é também usada como ornamento paisagístico na extremidade sul da ala-meda.

As torres principais nas duas extremidades representam tradicionalmente o Sacerdócio de Melquisedeque e o Aarônico, sendo a primeira mais alta que a segunda. Para dar ao edifício um "movimento" contínuo, as torres laterais apresentam igualmente altura diversa. Esse metro ou metro e meio de diferença proporciona ao templo a sensação de movimento contínuo. O Irmão Henry Fetzer sugere que "por meio desse princípio, representamos a Igreja viva — ativa, dinâmica."

Como o distrito do Templo de Washington abrange tanto Porto Rico como Montreal, e receberá muitos outros visitantes internacionais, aproximadamente a metade dos lugares nas salas de ordenanças disporão de instalações de fones de ouvido. Preparado para fornecer no momento tradução em espanhol e francês, o sistema futuramente incluirá muitas outras línguas.

Singeleza, quietude, dignidade — são os sentimentos que os arquitetos desejavam que o templo transmitisse, e com profunda sinceridade, partilham seus sentimentos pessoais sobre a participação que tiveram no projeto do templo.

Para o Irmão Wilcox, o templo é um símbolo visual iluminante, expressão que, a seu ver, resume todo o espírito da Igreja."

— Olhando para trás, — diz ele, — sinto profunda humildade, compreendendo que fomos instrumentos nas mãos do Senhor, ajudando a dar direção ao projeto de um de seus templos.

— Nos últimos vinte e cinco anos, — afirma o Irmão Markham, — tenho-me interessado muito pelos trabalhos no templo, mas através da colaboração neste edifício, fortaleci meu testemunho a respeito dessa atividade, particularmente ao aprender o significado de numerosos detalhes que precisam ser considerados ao se fazer um projeto para as ordenanças correspondentes.

Diz o Irmão Beecher: — Acho apenas que está ficando mais belo a cada dia que passa.

O Irmão Henry Fetzer comentou:

Enquanto me assentava no Templo de Lago Salgado, apreciando sua rica decoração, e maravilhando-me de que os pioneiros tivessem sido capazes de construir esse assombroso edifício, conclui ser apropriado darmos o melhor de nós ao templo. Para este edifício, estamos convidando não apenas os vivos, mas também os gloriosos espíritos dos que se foram, para que testemunhem o trabalho feito por eles, pelos anjos do Senhor, e pelo próprio Senhor. Como conseguir fazer um edifício suficientemente belo?

Templos Da Igreja De Jesus Cristo Dos Santos Dos Últimos Dias

Nas fotos tiradas especialmente para este número, os dezesseis templos desta dispensação erguem-se como fanais



Templo de Kirtland



Templo de Nauvoo



Templo de St. George



Templo de Logan

O que é um templo? — é a pergunta universal. E nós respondemos: Todo templo é dedicado como uma casa de oração, uma casa de jejum, uma casa de fé, uma casa de ensino, uma casa de glória, uma casa de ordem, uma casa de Deus.” (D&C 88:119)

O Evangelho de Jesus Cristo ensina que toda a humanidade poderá salvar-se pela obediência às suas leis e ordenanças. No entanto, centenas de milhões têm morrido sem jamais ouvir da existência de tal plano do Evangelho. Como existe apenas um plano de salvação, sem dúvida havia necessidade de algum meio para que essas pessoas pudessem tomar conhecimento dele e ter o privilégio de o aceitar ou rejeitá-lo. Esse meio é fornecido pelo princípio da salvação para os mortos.

Nos templos, administramos ordenanças aos vivos, e pelos vivos em

favor dos mortos. Todas as ordenanças, feitas pelo Sacerdócio do Altíssimo, são eternas como o amor, completas e duradouras como a vida, e por meio da obediência a elas, toda a humanidade, viva ou morta, poderá entrar no reino de Deus e nele habitar eternamente...

A eternidade do convênio do casamento é uma revelação gloriosa, que proporciona certeza aos corações, unidos pelo laço dourado do amor, e selados pela autoridade do Santo Sacerdócio, de que sua união é eterna.

— David O. McKay

(Improvement Era, março de 1956, pp. 141-42)

“Tudo o que o Evangelho oferece pode ser feito num templo. Batis-

mos, ordenações ao Sacerdócio, casamentos e selamentos para o tempo e a eternidade para os vivos e pelos mortos, o endowment (investidura) de vivos e mortos, instrução evangélica, conselhos para a obra do ministério, e todo o resto que pertence ao Evangelho é ali realizado. Na verdade, no templo está condensado o Evangelho inteiro.”

— John A. Widtsoe

(“Looking Toward the Temple”, Ensign, Janeiro de 1972, p. 58)

TEMPLO DE KIRTLAND

Tido como excelente exemplo da primitiva arquitetura norte-americana, o Templo de Kirtland foi construído durante uma época de extrema pobreza dos santos, para que sobre eles se derramasse “uma grande investidura e uma grande bênção”. (D&C 105:12)

Templo de Mantí

O prédio de três andares tem as paredes externas revestidas de estuque. Muitas famílias sacrificaram sua melhor louça de porcelana e peças de cristal para, depois de moídas, serem incorporadas ao estuque, dando-lhe assim certa cintilação.

Empenhando-se ao máximo na obra, e vivendo tão frugalmente quanto possível, entre o início da construção em 1833 e a dedicação a

27 de março de 1836, os santos ergueram um templo de 18m x 24,4m, com uma torre de 33,6m de altura.

Nesse lugar, apareceu o Salvador no dia 3 de abril de 1836, e aceitou o templo como uma casa ao seu nome. A seguir, veio Moisés, que entregou à Igreja as chaves da coligação de Israel; Eliaás, para conferir a sua autoridade; e finalmente Elias, em cumprimento da predição de Malaquias. (Ver D&C 110)



Templo de Lago Salgado

O templo foi utilizado como edifício sagrado por dois anos. Quando a perseguição provocou um êxodo em massa dos santos de Ohio, ele foi profanado pelo populacho. Posteriormente, o edifício foi restaurado, e agora está sendo usado como capela, pela Igreja Reorganizada de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

TEMPLO DE NAUVOO

“... outra vez vos mando construir uma casa em meu nome, mesmo neste lugar, para que me deis provas de que sois fiéis em todas as coisas, quaisquer que vos mande, para que eu vos abençoe, e vos coroe de honra, e imortalidade e vida eterna.” (D&C 124:55)

Assim falou o Senhor ao Profeta Joseph Smith em Nauvoo, Illinois, no ano de 1841, depois de os santos terem sido forçados a abandonar o Templo de Kirtland e de não conseguirem construir em dois outros terrenos dedicados, no Condado Jackson, e em Far West, Missouri.

Agora iriam erigir uma bela construção de arenito cinza claro, para ser usado pelo espaço de apenas dois meses. Este breve tempo de utilização era do conhecimento do Senhor — grandes provações esperavam seu povo perseguido, e eles tinham que ser dotados de poder do alto, para que conseguissem sobreviver e edificar o seu reino.

Os trabalhos de endowment (investidura) no templo começaram em dezembro de 1845, e em fins daquele mês, mais de mil membros haviam recebido essas bênçãos. O templo foi fechado a 7 de fevereiro de 1846, e a cidade de Nauvoo ficou deserta quando os santos fugiram para além do Mississippi. Em novembro de 1848, um incêndio destruiu tudo, menos as quatro paredes externas do templo, e em 1850, um furacão as derrubou.

TEMPLO DE LAGO SALGADO

Em julho de 1847, somente quatro dias após a chegada da primeira companhia de pioneiros ao Vale do Lago Salgado, Brigham Young, enfiando sua bengala no solo árido, exclamou:

— “Aqui construiremos um templo ao nosso Deus.”

Em fevereiro de 1853, deu-se início aos alicerces do edifício que consumiria quarenta anos e quatro milhões de dólares para terminar. Foi decidido que o construiriam com os melhores materiais possíveis, e os blocos de granito cinzento, extraídos duma pedreira situada em um desfiladeiro a 32 km para o leste, foram transportados para o local de construção por juntas de bois. Quatro juntas de bois labutavam três ou quatro dias para transportar um único bloco.

Em virtude do trabalho exigido e da pobreza dos pioneiros, a obra foi interrompida várias vezes. Em 1873, os blocos de granito começaram a ser transportados por via férrea, até um desvio especial no local da construção. Quando da morte de Brigham Young em 1877, as paredes do templo tinham apenas 6,1 m de altura. Os dois presidentes sucessores, John Taylor e Wilford Woodruff, completaram a obra, e a 5 de abril de 1898, aplicados os toques finais, o templo foi aberto ao público, tendo sido dedicado no dia 6 de abril de 1898 pelo Presidente Woodruff. Ao todo, foram realizadas trinta e uma sessões dedicatórias, a última a 24 de abril.

Esse templo tornou-se, conforme Brigham Young dissera que seria, “um soberbo monumento da fé, perseverança e industriabilidade dos santos de Deus nas montanhas no século dezenove.”

TEMPLO DE ST. GEORGE

No canto sudoeste de Utah, existe uma faixa de cento e trinta quilômetros de terras férteis num clima semitropical. Em virtude de conversos dos estados sulinos terem sido mandados para lá, a fim de cultivar algodão, ela ficou conhecida como “Dixie” de Utah.

Ali, em 1871, na cidade de St. George, o Presidente Brigham Young anunciou que seria construído um templo. Um afloramento natural de calcário na parte norte do terreno foi aproveitado como base para o alicerce, mas nos outros lados, infiltrações de água logo ameaçaram

parar a obra. Os engenhosos pioneiros improvisaram um bate-estacas com um velho canhão da Guerra Mexicana que encheram de chumbo e usaram para socar centenas de toneladas de rocha vulcânica na terra, até conseguirem um fundamento seguro para o templo. O velho canhão continua ocupando lugar de honra nos jardins do templo.

O edifício foi construído de arenito local, revestido de estuque branco. No dia 1.º de janeiro de 1877, Wilford Woodruff dedicou o andar inferior do prédio, para que pudessem dar início aos batismos pelos mortos e endowments. O templo foi dedicado pelo Presidente Daniel H. Wells, da Primeira Presidência, a 6 de abril de 1877, sendo que a 47.ª Conferência Geral da Igreja foi ali realizada dos dias 6 a 8 do mesmo mês.

TEMPLO DE LOGAN

Centro e trinta e três quilômetros ao norte da Cidade de Lago Salgado, fica a cidade de Logan, situada no belo Vale de Cache. Logan tornou-se estabelecimento mórmon em 1859, e não muito depois, os primeiros habitantes quiseram construir ali um templo. Em 1863, Wilford Woodruff disse aos santos que algum dia teriam “o privilégio de entrar nas torres de um glorioso templo... a leste de nós, sobre a meseta de Logan.”

Brigham Young dedicou o terreno do templo aos pés da montanha, em maio de 1877. O edifício de cinco pavimentos, de calcário silicoso bastante escuro, tem torres nas extremidades ocidental e oriental de 50,3 e 51,9 m de altura, respectivamente. Além destas, mais quatro torres octogonais de 30 m de altura, nos cantos, dão ao prédio um incomum estilo acastelado.

Não foram pagos salários pelos trabalhos neste templo. Os membros contribuíram liberalmente com gado, mercadorias e dinheiro. As crianças doavam seus níqueis para um fundo do templo na Escola Dominical.

O Templo de Logan foi dedicado a 17 de maio de 1884, pelo Presidente John Taylor.

TEMPLO DE MANTI

Em agosto de 1850, durante uma visita aos santos do Vale de Sanpete, no centro de Utah, Brigham Young anunciou os planos para a construção do Templo de Manti. Mais tarde diria, acerca do local: "Este é o ponto em que o Profeta Morôni se postou e dedicou este pedaço de terra como terreno de um templo..." Entretanto, somente em 1877 foi dado início à construção dos alicerces deste templo, o sexto e último a ser edificado no século dezenove.

O templo ergue-se sobre uma pedra, e por causa da base de rocha sólida, precisaram de um ano e meio só para as escavações e aterramento. A construção levou onze anos. Os trabalhadores eram pagos em gado e produtos agrícolas. Pioneiros numa terra agreste, quase indomável, realizaram uma tarefa que teria derrotado o espírito de um povo menos valente, ou que não tivesse tão sublime ideal.

A semelhança do Templo de Logan, o prédio foi projetado com torres nos lados leste e oeste. As torres octogonais na extremidade oeste contêm escadas em caracol que vão da base ao teto, atravessando cinco pavimentos. O centro das escadas é aberto, sem colunas de sustentação, e as balaustradas de noqueira que sobem 27,5 m, formam uma espiral simétrica, perfeitamente vertical do topo à base. Existem raras escadas semelhantes.

O templo foi dedicado a 21 de maio de 1888, pelo Élder Lorenzo Snow, então membro do Conselho dos Doze.

TEMPLO DO HAVAI

Próximo à comunidade de Laie, Oahu, nas Ilhas Havaianas, ergue-se o Templo do Havai. Foi o primeiro de uma série de três templos a serem construídos sem torre (os outros dois foram Alberta e Arizona). Como nas Ilhas Havaianas há falta de materiais de construção, ficou decidido fazer a estrutura inteira do excelente concreto produzido com rocha vulcânica triturada, facilmente encontrada no local. Para o acabamento interior, foi largamente usada madeira de lei.

O templo apresenta o formato de uma cruz grega, medindo 31,1 m de leste a oeste e 23,8 m de norte a sul. A parte central eleva-se a uma altura de 15,3 m. A parte externa do edifício é adornada por quatro frisos esculpidos, representando as quatro principais dispensações do Evangelho.

O templo foi dedicado no dia 27 de novembro de 1919, pelo Presidente Heber J. Grant.

TEMPLO DE ALBERTA

Quarenta e uma pessoas, entre homens, mulheres e crianças, acomodadas em sete carroções, acamparam às margens do Riacho Lees, em junho de 1887, para dar início à primeira colônia mórmon no Canadá. O centro desta veio a ser a cidade de Cardston.

"Esta terra ainda se tornará uma cesta de pão para o mundo," diria o Élder John W. Taylor, do Conselho dos Doze, anos mais tarde aos intrépidos pioneiros, "e aqui será erguido um templo ao Deus Onipotente." O Templo de Alberta foi o

primeiro construído e dedicado fora dos Estados Unidos e Havai.

Em obras de 1913 a 1923, o templo é feito de bela pedra branca, extraída de uma pedra perto dos Lagos Kootenai, na vizinha província da Colúmbia Britânica. Este templo, de formato octogonal, ergue-se puro e branco na pradaria de Alberta, e pode ser visto de qualquer direção, quando nos aproximamos de Cardston. Seu interior é conhecido pelos maravilhosos trabalhos em madeira — carvalho, ébano, bordo, tulipeiro, pau-rosa, mogno africano e vários tipos de noqueira.

O templo foi dedicado a 26 de agosto de 1923, pelo Presidente Heber J. Grant.

TEMPLO DO ARIZONA

Em 1878, uma companhia de pioneiros fundou uma comunidade que agora se chama Mesa, no Arizona, a 26 km de Phoenix. Durante muitos anos, submetiam-se à longa e árdua jornada até Utah, para se casarem no templo. Em 1919, lançou-se um projeto de levantamento de fundos nas estacas do Arizona, na Estaca Juarez e nas missões da Califórnia e México, para financiar a construção de um templo em Mesa. A obra iniciou-se em 1923, sendo dedicada a 23 de outubro de 1927, pelo Presidente Heber J. Grant.

Arquitetonicamente, este templo é tido como adaptação americana do estilo clássico. É revestido com cerâmica vitrificada de cor creme. Belos frisos externos contam a história da coligação de Israel dos "quatro cantos" da terra.



Templo de Idaho Falls



Templo de Alberta

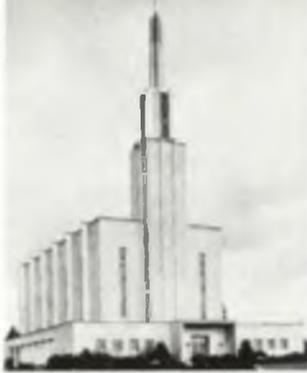


Templo de Arizona



Templo de Havai

Templo Suíço



Templo de Los Angeles



Templo de Nova Zelândia



Templo de Londres



Templo de Oakland



O templo satisfaz às necessidades de numerosos santos que residem na região sudoeste dos Estados Unidos, bem como do México e América Central.

TEMPLO DE IDAHO FALLS

Num lindo cenário ao lado do Rio Snake, sobranceiro às quedas d'água que dão o nome à cidade, ergue-se o belo Templo de Idaho Falls. O terreno foi doado pelos cidadãos de Idaho Falls.

A obra foi iniciada em 1939, com um sólido lençol de lava servindo de fundação ideal. O edifício é revestido com rocha magmática, destinada a cintilar à luz do sol e refletir a iluminação artificial à noite. O lado oeste se espelha no Rio Snake. A parte central é uma torre maciça que sobe 50 m para o céu.

Este templo serve a milhares de membros da Igreja em Idaho, Wyoming e Montana, regiões originalmente povoadas em grande parte por santos de Utah. Foi dedicado no dia 23 de setembro de 1945, pelo Presidente George Albert Smith.

TEMPLO SUÍÇO

Já em 1906, o Presidente Joseph F. Smith profetizava em Berna, Suíça, que "virá o tempo ... em que templos de Deus... serão erguidos nos diversos países da terra ... "Quase meio século depois, a 22 de julho de 1952, o Presidente David O. McKay comunicava que o primeiro templo europeu seria construído na Suíça.

Localizado numa área de 2,8 ha em Zollikofen, pitoresco subúrbio de Berna, este templo é menor que os construídos antes. Sua torre de ponta dourada eleva-se a 42,7 m. O resto do prédio apresenta um tom creme acinzentado, com pilares verticais brancos.

Dedicado pelo Presidente McKay a 11 de setembro de 1955, e servindo um continente de muitos idiomas, este templo é uma alegria particular para os santos europeus, tanto pela facilidade de acesso, como porque as sessões são realizadas nos vários idiomas dos santos da Europa.

Templo de Ogden

TEMPLO DE LOS ANGELES

"As costas do Pacífico ainda serão vistas de um templo do Senhor." Assim escreviam Brigham Young e Willard Richards aos santos da Califórnia, em 1847.

Hoje, numa área de 5,3 ha. no topo de uma colina, perto de Westwood Village, no Boulevard Santa Monica, ergue-se o maior templo da Igreja construído nesta dispensação. O edifício mede 111 m x 73,5 m, tem quatro andares, e contém aproximadamente 1,8 ha. de área construída. A sala de assembléia, no terceiro pavimento, onde são realizadas as reuniões do Sacerdócio, mede 23,8 m por 82 m, com um pé direito de 10,4 m.

A estátua do Anjo Morôni, no topo do templo, eleva-se a 78,4 m do chão. A estátua mede 4,6 m de altura e a trombeta em suas mãos, 2,4 m de comprimento.

Antes de ser dedicado, perto de 662.000 pessoas vieram ver seu interior e ouvir a história da Igreja e os propósitos do templo.

O Presidente David O. McKay dedicou-o no dia onze de março de 1956.

TEMPLO DA NOVA ZELÂNDIA

O Evangelho foi pregado pela primeira vez aos maoris da Nova Zelândia em sua própria língua, no ano de 1881. O proselitismo teve tamanho êxito, que os neozelandeses de outras origens às vezes julgavam erroneamente que a Igreja era uma organização destinada unicamente aos maoris. Por volta de 1887, 2.243 dos 2.573 membros da Igreja na Nova Zelândia eram maoris. Atualmente, há perto de 35.000 membros da Igreja nas duas ilhas da Nova Zelândia.

Os planos para um templo destinado aos membros das ilhas do Pacífico Sul e da Austrália foram anunciados em 1955, escolhendo-se um terreno no topo de uma colina em Tuhi-karemea, a oito quilômetros de Hamilton. A encantadora estrutura branca assemelha-se em estilo e tamanho aos templos da Suíça e de Londres. Construtores americanos foram chamados para erguer este templo como missionários de construção, e

treinaram jovens missionários construtores chamados na Nova Zelândia e Mares do Sul.

O templo foi dedicado a 20 de abril de 1958, pelo Presidente David O. McKay.

TEMPLO DE LONDRES

Sete anos após a organização da Igreja, em 1830, o Evangelho passou a ser pregado na Inglaterra, e muitos milhares de conversos britânicos reforçaram as fileiras da nova igreja que lutava na América.

Mais tarde, foram encorajados a edificar a Igreja no próprio país, e agora sete missões e catorze estações florescem na Grã-Bretanha. Depois da II Guerra Mundial, foi adquirida uma propriedade para construir um templo em Newchapel, Surrey, a uns 40 km de Londres. A construção iniciou-se em 1955. O moderno edifício de concreto armado e aço, revestido de cimento branco, foi dedicado pelo Presidente David O. McKay, no dia 7 de setembro de 1958.

TEMPLO DE OAKLAND

“Um grande templo branco do Senhor adornará aquelas colinas, um glorioso estandarte ante as nações.” Esta foi a profecia do Presidente George Albert Smith, quando em 1924, como membro do Conselho dos Doze, contemplava as colinas da baía leste de São Francisco.

O terreno que previu foi adquirido em 1942, e a construção do magnífico Templo de Oakland com suas cinco torres, que domina o majestoso panorama de toda a baía e do Oceano Pacífico, começou em maio

de 1962. O edifício é revestido, da base à torre, com granito branco. A torre central tem 51,5 m de altura, e as quatro torres menores, de 29 m, são feitas de elementos vazados e revestidas com mosaico de vidro azul e folhas de ouro. A noite são iluminadas pelo lado de dentro, irradiando raios de luz rendada. Nas fachadas norte e sul, existem dois painéis esculpidos, um representando o Salvador na Palestina e o outro, sua aparição aos nefitas na América.

O templo foi dedicado a 17 de novembro de 1964, pelo Presidente David O. McKay, o quinto e último dedicado por ele.

TEMPLOS DE OGDEN E PROVO

Quando estudos feitos na década de 1960 mostraram que 52% de todo trabalho de ordenanças do templo eram realizados em três dos treze templos da Igreja (Lago Salgado, Logan e Manti), decidiu-se que mais dois templos situados em áreas densamente povoadas de Utah aliviarão grandemente a demanda aos outros três.

Assim sendo, a Praça do Tabernáculo, no centro de Ogden, foi escolhida como local de um templo que serviria a uns 135.000 membros da Igreja naquela área. O outro ponto escolhido foi Provo, num terreno a nordeste da Universidade Brigham Young, próximo à entrada do Rock Canyon e podendo ser alcançado a pé da BYU.

O perfil destas duas sagradas estruturas transformou-se em pontos de referência de impressionante e dramática beleza. Ambos foram cons-

truídos seguindo a mesma planta interior, mas o exterior, embora semelhante e construído com a mesma rocha branca cintilante, é diferente. O revestimento do Templo de Provo apresenta um baixo-relevo de desenho floral, repetido na sua torre de 55 m. No Templo de Ogden, o revestimento apresenta-se canelado, intercalado com decorativas grades de metal, e o efeito canelado é impressionantemente repetido na torre. Belas janelas douradas de vidro refletor destacam-se em ambos os templos.

Maiores que os templos europeus, porém não tão requintados quanto os de Oakland e Los Angeles, eles possuem quatro pavimentos, sendo um no subsolo. O Templo de Ogden foi dedicado no dia 18 de janeiro de 1972, e o de Provo a 9 de fevereiro de 1972, ambos pelo Presidente Joseph Fielding Smith.

TEMPLO DE WASHINGTON

Esta “jóia entre os templos”, como foi chamado pelo Presidente David O. McKay ao autorizar sua construção, é o décimo sétimo templo erigido pela Igreja. É um edifício de sete pavimentos e seis torres, uma réplica moderna do Templo gótico de Lago Salgado, sobejamente conhecido em todo o mundo como símbolo da Igreja. É o primeiro templo a ser revestido de mármore. A estátua do Anjo Morôni que encima a torre mais alta, é folhada a ouro, tem 5,5 m de altura, pesa duas toneladas e eleva-se a 87,8 m do chão.

Localizado num terreno de 23,1 ha num dos pontos mais altos do Condado de Montgomery, Maryland, na periferia de Washington D.C., o templo pode ser visto de muitos ângulos a partir das vias expressas periféricas de Washington. É um terço maior que o Templo de Lago Salgado.

A cerimônia de escavação do solo foi realizada a 7 de dezembro de 1967, iniciando-se os trabalhos de limpeza do terreno a 28 de maio de 1971. A dedicação acontecerá em fins de 1974.

Este templo servirá aos santos norte-americanos residentes a leste do Rio Mississippi e aos santos da oriental do Canadá.



Templo de Provo



Templo de Washington



A Finalidade Desses Templos

por Élder Gordon B. Hinckley
do Conselho dos Doze

Existem na terra apenas uns poucos lugares em que as perguntas humanas a respeito da vida encontram as respostas da eternidade.

Terá existido porventura um homem que, em momentos de tranqüila introspecção não haja ponderado sobre os solenes mistérios da vida? E não se terá perguntado: "De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou? Qual a minha relação com meu Criador? A morte me roubará as preciosas ligações desta vida? E quanto à minha mulher e filhos? Haverá outra existência após esta e, se houver, haveremos de nos reconhecer?"

As respostas para estas questões não são encontradas na sabedoria dos homens, mas unicamente na palavra revelada de Deus. Os templos da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias são edifícios sagrados, nos quais estas e outras questões eternas são respondidas. Todos eles são dedicados como uma casa do Senhor, um lugar de santidade e paz, isolado do mundo, onde

são ensinadas verdades e executadas ordenanças que dão conhecimento de coisas eternas e motivam o participante a viver com a compreensão de sua herança divina como filho de Deus e com a percepção de seu potencial como um ser eterno.

O imponente templo recentemente concluído na periferia de Washington D.C., é o décimo sexto desses edifícios operados pela Igreja. Eles diferem das milhares de casas de culto da Igreja espalhadas pela terra; são diferentes em propósito e função de todos os demais edifícios religiosos. Não é o tamanho, nem a beleza arquitetônica, que os faz assim. É a obra realizada no seu interior.

Além do Templo de Washington, são encontrados outros templos SUD na parte ocidental dos Estados Unidos e no Havaí, Canadá, Nova Zelândia, Inglaterra e Suíça. Dois edi-

fícios semelhantes foram construídos nos primórdios da Igreja, sendo abandonados quando os santos dos últimos dias foram sendo expulsos de um lugar para outro pelo cruel fanatismo de uma época menos tolerante.

A destinação de certos edifícios para ordenanças especiais, distintos dos locais de culto comum, não é novidade. Essa era a prática na antiga Israel, onde o povo prestava culto regularmente nas sinagogas. Seu lugar mais sagrado foi, primeiro, o tabernáculo do deserto com seu Santo dos Santos, e depois uma sucessão de templos nos quais se realizavam ordenanças especiais, a que eram admitidos como participantes somente os que satisfizessem às qualificações requeridas.

O mesmo se dá hoje. Antes da dedicação de um templo, a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias convida o público a visitar o prédio e inspecionar suas várias instalações. Mas, quando dedicado, passa a ser a casa do Senhor, revestido de uma atmosfera tão sagrada que somente membros da Igreja em plena comunhão são nele admitidos. Não é questão de segredo, e sim de santidade.

Os trabalhos realizados nesses templos mostram os eternos propósitos de Deus com referência ao homem, filho e criação da Divindade.



Escadaria Circular do Templo de Manti



Escadaria espiral do Templo de Salt Lake



Sala Celestial do Templo de Oakland



Em sua maior parte, dizem respeito à família, sendo cada um de nós membro da família eterna de Deus, e igualmente membro de uma família terrena. Estão ligados à santidade e natureza eterna do convênio do casamento e do relacionamento familiar.

Afirmam que todo homem e mulher, nascidos no mundo, são filhos de Deus, dotados com algo de sua natureza divina. A repetição destes ensinamentos básicos e fundamentais exerce um efeito salutar sobre aqueles que os recebem, pois quando a doutrina é enunciada numa linguagem ao mesmo tempo bela e impressiva, o participante compreende que, se todo homem é filho do Pai Celeste, então é também membro de uma família divina, e conseqüentemente todos os homens são seus irmãos.

Quando inquirido pelo escriba: "Qual é o primeiro de todos os mandamentos?", o Salvador respondeu: "Amarás... ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: este é o primeiro mandamento.

"E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo..." (Marcos 12:28,30-31)

Os ensinamentos apresentados nos templos modernos dão vigorosa ênfase a este conceito sumamente fundamental do dever do homem para com seu Criador e com seu irmão. Ordenanças sagradas ampliam

esta filosofia nobilitante da família de Deus. Ensinam que o espírito dentro de nós é eterno, em contraste com o corpo que é mortal. Não apenas esclarecem estas grandes verdades, mas também motivam o participante a amar a Deus, e o incentivam a demonstrar maior cordialidade aos demais filhos de nosso Pai.

Aceitando-se a premissa de que o homem é filho de Deus, então existe um propósito divino na vida mortal. Aqui, novamente, a verdade revelada é ensinada na casa do Senhor. A vida terrena é uma etapa da jornada eterna. Antes de irmos para cá, vivíamos como filhos espirituais. As Escrituras testificam isto, como por exemplo, quando o Senhor diz a Jeremias: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísse da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta." (Jer. 1:5)

Ingressamos nesta vida como filhos de pais mortais e membros de uma família. Os pais são parceiros de Deus na realização de seus propósitos eternos com referência a seus filhos. A família, portanto, é instituição divina, a mais importante de todas, tanto na mortalidade quanto na vida eterna.

Grande parte do trabalho dentro dos templos é concernente à família.

Exatamente como existíamos, como filhos de Deus, antes de irmos para este mundo, assim também continuaremos a viver depois da morte. Os preciosos e agradáveis relacionamentos da mortalidade, dos quais os mais belos e significativos encontram-se na família, podem con-

tinuar no mundo vindouro. Este fato é fundamental para se entender o propósito dos templos. Os noivos que vão à casa do Senhor e participam de suas bênçãos são unidos matrimonialmente não só pelo período de sua vida normal, mas para toda a eternidade. São casados não só pela lei do país, até que a morte os separe, mas também o Sacerdócio eterno de Deus liga nos céus o que é ligado na terra. O par assim casado tem a garantia, recebida por revelação divina, de que seu vínculo e o de seus filhos não terminará com a morte, mas prosseguirá na eternidade desde que se prove merecedor dessa bênção.

Terá havido algum homem que tivesse amor sincero por sua mulher, ou uma mulher que realmente amasse um homem, sem rogar para que seu relacionamento pudesse perdurar além do túmulo? Alguma vez já foi sepultada uma criança, cujos pais não ansiassem pela certeza de que aquele seu ente querido voltaria a pertencer-lhes no mundo vindouro? Pode alguém, que acredita na vida eterna, crer que o Deus dos céus negaria aos seus filhos este mais precioso atributo da vida, o amor, que encontra sua mais significativa expressão no relacionamento familiar? Não, a razão exige que o relacionamento familiar continue após a morte. O coração humano anseia por isto. O Deus dos céus revelou um meio pelo qual isso pode ser conseguido. As ordenanças sagradas da casa do Senhor no-lo asseguram.

Mas tudo isso pareceria realmente egoísta, se as bênçãos dessas orde-



Sala de Selaemento do Templo de Ogden



Sala de Selaemento do Templo de Mantle

Sala Celestial do Templo de Mesa



nações fossem disponíveis somente àqueles que já são membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos Últimos Dias. O fato é que a oportunidade de entrar num templo e participar de suas bênçãos é oferecida a todos os que aceitarem o Evangelho e se batizarem na Igreja. Por esta razão, a Igreja promove extenso programa missionário numa grande parte do mundo, e continuará a expandi-lo na medida do possível, pois, por revelação divina, tem o encargo de pregar o Evangelho a "toda nação, tribo, língua e povo".

Mas existem incontáveis milhões que viveram na terra sem nunca terem tido oportunidade de ouvir o Evangelho. Acaso ser-lhes-ão negadas as bênçãos oferecidas nos templos da Igreja?

Através de representantes vivos, que agem em favor dos mortos, estes têm acesso às mesmas ordenanças. No mundo espiritual, eles têm liberdade de aceitar ou não essas ordenanças terrenas realizadas por eles, incluindo batismo, casamento e selamento de relações familiares. Na obra do Senhor, não pode haver compulsão, mas deve haver oportunidade.

Essa obra vicária constitui um trabalho de amor sem precedentes, por parte dos vivos em favor dos mortos. Encontrar e identificar os que se foram antes de nós, exige um vasto empreendimento de pesquisa genealógica. Para auxiliar tal pesquisa, a Igreja coordena um programa genealógico e oferece facilidades de pesquisa inigualáveis no mundo inteiro. Seus arquivos estão abertos ao público e têm sido usados por muitos não-membros da Igreja, para traçarem sua ascendência. O programa é freqüentemente elogiado por genealogistas internacionais, sendo utilizado por várias nações para salvar guardar seus próprios registros. Porém, seu propósito primordial é

facultar aos membros da Igreja os recursos necessários para a identificação de seus antepassados falecidos, a fim de que possam estender-lhes as bênçãos que eles próprios usufruem. Eles, na verdade, dizem a si mesmos: "Se eu amo minha mulher e filhos, a ponto de querê-los para toda a eternidade, então não é justo que meu avô e bisavô, e outros antepassados, tenham a oportunidade de gozar das mesmas bênçãos eternas?".

E assim, estes edifícios sagrados são palco de enorme atividade, realizada silenciosa e reverentemente. Trazem-nos à lembrança uma parte da visão em que João, o Revelador, registra esta pergunta e resposta"... Estes que estão vestidos de vestidos brancos, quem são, e donde vieram?"

"... Estes são os que vieram de grande tribulação, e lavaram os seus vestidos e os branquearam no sangue do Cordeiro.

"Por isso estão diante do trono de Deus, e o servem de dia e de noite no seu templo..." (Apoc. 7:13-15)

Os que vêm às casas sagradas, vestem-se de branco para participar dos trabalhos. Podem entrar somente com recomendação da respectiva autoridade eclesiástica local, a qual se certificou de sua dignidade. Espera-se que cheguem limpos de pensamento, limpos de corpo, e de vestidos limpos para entrarem no templo de Deus. Ao entrarem, espera-se que deixem o mundo lá fora e se concentrem nas coisas de Deus.

Este exercício em si, se é que podemos chamá-lo assim, traz sua própria recompensa. Quem, nestes tempos agitados, não receberia com prazer uma oportunidade ocasional de desligar-se do mundo, entrando na casa do Senhor, para ali ponderar tranqüilamente nas coisas eternas de Deus? Estes recintos sagra-

dos oferecem a oportunidade não encontrada em qualquer outro lugar, de se aprender e refletir sobre as coisas da vida realmente importantes. Estas incluem nosso relacionamento com a Divindade e nossa jornada eterna desde o estado preexistente, passando por esta vida e prosseguindo para um estado futuro, em que nos conheceremos e nos associaremos uns com os outros. Nós também conviveremos com nossos entes queridos e antepassados que nos precederam, e dos quais herdamos o que se refere ao corpo, intelecto e espírito.

Esses templos são, indubitavelmente, únicos entre todos os edifícios. São casas de ensino. São lugares de convênios e promessas. Em seus altares, ajoelhamo-nos perante Deus, nosso Criador, e são-nos prometidas suas bênçãos infinitas. Na santidade desses ambientes, comunhamos com ele e refletimos sobre seu Filho, nosso Salvador e Redentor, o Senhor Jesus Cristo. Ele serviu como representante de cada um de nós no sacrifício vicário em nosso favor. Ali pomos de lado nosso egoísmo e servimos por aqueles que não podem fazê-lo por si. Ali somos unidos nos mais sagrados de todos os vínculos humanos — como marido e mulher, como filhos e pais, como família sob um selamento que o tempo não consegue destruir e a morte não pode interromper.

Tais edifícios sagrados foram construídos mesmo durante os anos negros em que os santos eram incessantemente perseguidos e expulsos. Têm sido erguidos e mantidos em tempos de pobreza e prosperidade. São o resultado da fé vital do número sempre crescente daqueles que prestam testemunho do Deus vivo, do Senhor ressurreto, de profetas e revelação divina, e da paz e certeza de bênçãos eternas encontradas unicamente na casa do Senhor.

MEUS PAIS NOS LEVARAM AO TEMPLO

Brenda Bloxham

Como sabe, nossa ala está se concentrando em unir as famílias para a eternidade, o irmão concorda em freqüentar algumas aulas sobre o templo?" — Estas palavras foram o princípio de uma nova vida para minha família.

A base havia sido lançada por nosso mestre familiar, um vizinho abnegado que trabalhou incansavelmente para envolver minha família no Evangelho. Então, um dia, o bispo

e seus conselheiros vieram conversar com papai .

— "O irmão freqüentará essas aulas?" — eles o desafiaram. Houve um instante de silêncio. Depois, ele respondeu calmamente:

— "Vou sim."

Mesmo como criança, eu podia perceber a raiva, a mágoa, e a amargura quando meus pais discutiam. Muitas vezes chorava até adormecer, porque notava que as coisas não eram como deviam ser.

Eu sentia a diferença nas casas de minhas amigas, cuja família estava unida no Evangelho. A minha família estava dividida. Mamãe era ativa; papai não. Sempre havia reclamações e comentários amargos sobre

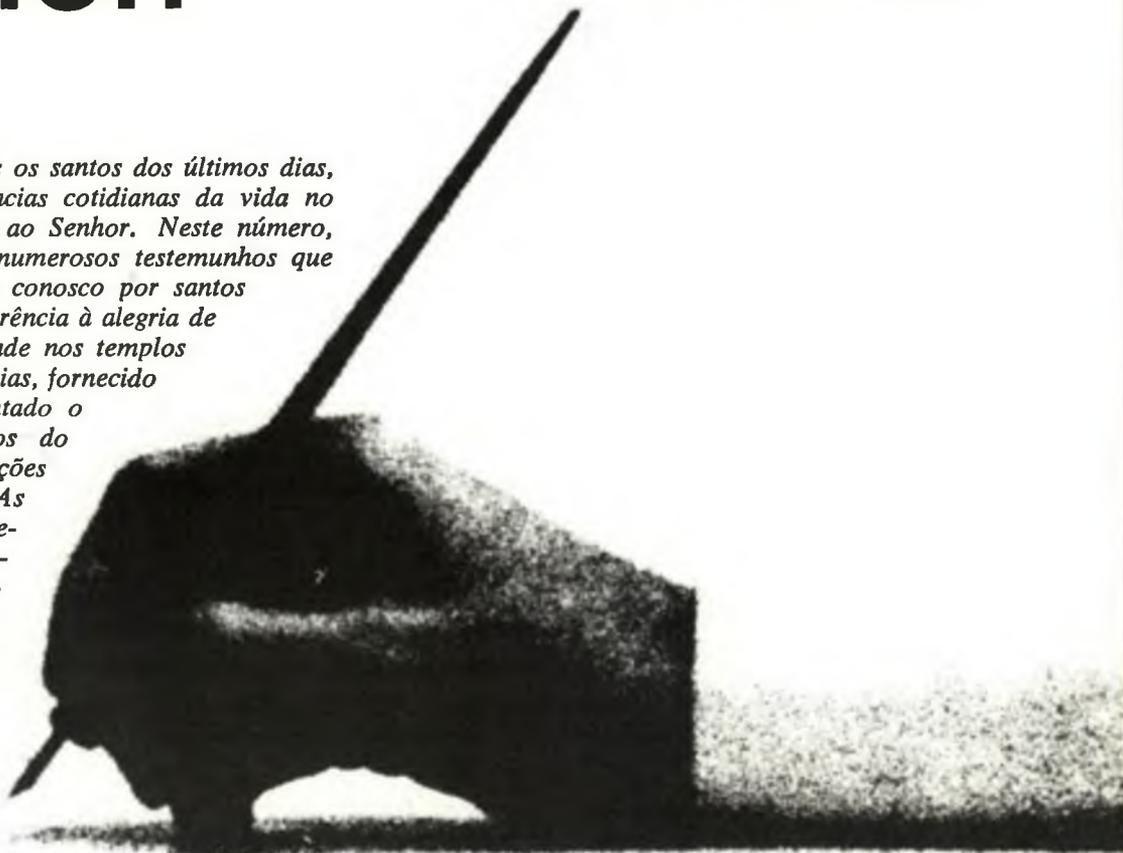
o tempo gasto na Igreja. Havia ansiedade por não sabermos o que nos esperava ao voltarmos de uma reunião da Igreja — silêncio gélido, repleto de palavras não ditas ou um erguer de sobranceiras sardônicas que esgotava o assunto.

Mas quando o bispo fez a pergunta e meu pai concordou, o Evangelho começou vagarosamente a fazer parte da nossa vida. Ele se insinuou quase imperceptivelmente. As discussões foram diminuindo. Um dia ou dois, ou mesmo três, sem discussões entre meus pais não era coisa rara, mas quando vimos os dias transformando-se em semanas, pudemos sentir o amor.

Quantas vezes havíamos implorado com grandes olhos tristes num rosto ansioso: "Hoje vou cantar com a Primária, papai. O senhor vai-me ouvir?" ou então simplesmente "Por favor, papai, venha com a gente para Igreja." Mas sempre, exceto quando um de nós era batizado ou abençoado, a resposta era não. E então, uma noite, nós soubemos que nunca mais precisaríamos pedir.

Diário Mórmon

Nos corações de todos os santos dos últimos dias, estão gravadas as experiências cotidianas da vida no Evangelho e da dedicação ao Senhor. Neste número, transcrevemos alguns dos numerosos testemunhos que vêm sendo compartilhados conosco por santos do mundo inteiro, com referência à alegria de servir no templo. A atividade nos templos tem abençoado lares e famílias, fornecido resposta a orações, aumentado o entendimento de princípios do Evangelho e enchido corações com paz e felicidade. As Revistas Internacionais receberão com prazer contribuições de natureza espiritual, que deverão ser encaminhadas à Coordenação de Línguas do Centro Editorial Brasileiro, C. Postal 19.079, São Paulo, Brasil, CEP 01000.



Diário Mórmon

A excitação, a correria e azáfama de nos aprontarmos naquela primeira noite em que estaríamos sentados juntos como família completa foi uma delícia. Naturalmente havia também um pouquinho de apreensão. Qual seria a atitude dos membros da ala? Aceitariam papai? Mas não havia necessidade de nos preocuparmos; os membros compreenderam.

Nossa família sentia a responsabilidade de viver os ensinamentos recebidos, especialmente agora que tínhamos um objetivo a alcançar. Quando uma palavra dura escapava sem querer, nós respondíamos com palavras de amor, calma e sinceramente. O entusiasmo substituiu a protelação. Todos tinham vontade de ajudar-se mutuamente. Papai e mamãe não mais precisavam falar três ou quatro vezes; as tarefas eram feitas prontamente, sem reclamação. Amor e desejo de ajudar tomaram o lugar da amargura, orgulho e brigas constantes entre nós.

O que fez a diferença? Tantas coisas. Talvez fosse a iminente concretização de sonhos há muito acalentados. Quando a oração e reunião familiar passaram a ser parte da nossa vida, aprendemos a conhecer e amar uns aos outros. Nossa maneira de viver permitiu que crescessem nossos testemunhos — testemunhos da oração familiar, leitura das Escrituras, reunião familiar, frequência às reuniões da Igreja. Nosso verdadeiro testemunho era sobre o princípio do arrependimento. E sabíamos também que Deus vive. Passado algum tempo, e com este testemunho e a certeza de sermos dignos, estávamos prontos para ir ao templo do

Senhor e ser selados como família para o tempo e toda a eternidade.

A noite precedente foi repleta de alegria, excitação e ansiedade. Será que ia ser verdade mesmo? Preenchemos o tempo com preparativos de última hora — enrolar o cabelo e terminar o acabamento em nossas roupas do templo. Mamãe havia feito roupas iguais para nós, seis meninas — variando dos catorze anos aos catorze meses.

Na manhã seguinte, papai levantou-se às quatro horas para ordenhar as vacas, dar-lhes ração e fazer o resto das tarefas, a fim de podermos partir às cinco e meia.

Quando chegamos à porta do templo, senti um nó na garganta. Houve um momento de hesitação — e então entramos. Passamos diversas horas na sala destinada às crianças; depois, uma acompanhante levou-nos até a sala de selamento. Mamãe e papai estavam lá, vestidos nas roupas do templo e com feições radiantes. Ajoelhamo-nos junto ao altar, de mãos dadas. Uma acompanhante segurou o bebê, de modo que ele também fez parte do círculo familiar.

E então foram proferidas as palavras que nos uniram como família para o tempo e toda a eternidade.

Eu sei que meus pais me amam, porque fizeram com que eu fosse selada a eles para o tempo e a eternidade. Como acalmar uma dor senão pelo amor? A lembrança daqueles anos difíceis é muito obscura, mas a felicidade estampada na face de meus pais, quando saímos do templo, está impressa para sempre na mente de nós, seis meninas, e de meu irmão.

Brenda Bloxham, secretária da revista Ensign, é professora na Escola Dominical da Ala XXI, da Estaca Emigration, da Cidade do Lago Salgado.

“EU VIM A ENTENDER...”

Christiane Lebon

Toda vez que vou ao templo, recebo mais forças para enfrentar os problemas do dia a dia. Além disso, no templo é onde sinto o mais alto grau de reverência, santidade, obediência, ordem, respeito pela linha de autoridade, e amor fraternal.

Um dia, no templo, vim a entender plenamente o que é a verdadeira feminilidade e que a mulher não é inferior ao homem sob nenhum aspecto. Ela tem um chamado diferente, muito importante e sagrado, não havendo motivo algum para invejar o homem.

Sermos “salvadores no monte Sião” tem um significado especial para mim. O trabalho pelos mortos no templo é a mais pura forma de amor e sacrifício que consigo imaginar.

Christiane Lebon é coordenadora da língua francesa, no Departamento de Serviços de Tradução da Igreja, em Paris, França.

MOMENTOS GLORIOSOS

Sipuaio Matuauto

Minha decisão de ir à casa do Senhor veio-me como uma surpresa, visto que não sentia desejo de fazê-lo antes de me casar. Entretanto, aconteceu algo muito importante: minha mãe faleceu antes de poder passar pelo templo para receber seu endowment (investidura) e ser selada ao meu pai.

Certa noite, enquanto estava estudando sozinha em meu quarto, uma vozinha ficou repetindo: “O trabalho do templo por sua mãe tem que ser feito imediatamente.” Primeiro tentei ignorar a mensagem, mas ela foi sendo repetida cada vez mais alto.

Por fim, larguei os estudos e co-

mecei a ponderar seriamente sobre a mensagem daquela vozinha. Sentia-me digna de entrar no templo, porém temia não conseguir manter-me fiel aos convênios depois. Este medo fez com que me dirigisse ao Senhor, pedindo orientação.

Chorei, de joelhos, não de tristeza, mas por causa da penetrante doçura do Espírito que senti enquanto orava. O medo se foi, sendo substituído por fé e coragem. Assim que terminei de orar, senti-me impelida a telefonar ao meu bispo.

Como a Igreja recomenda que moças solteiras só entrem no templo quando estiverem para sair em missão ou se casar, tive que esperar várias semanas pela permissão. Passei esse tempo preparando-me mental e espiritualmente. Preenchi também as folhas de grupo familiar necessárias para os trabalhos em favor de mamãe.

Então, após as instruções finais de meu bispo e presidente de estaca, entrei no templo. Que gloriosa bem-aventurança estar dentro daquela casa! Meus olhos, ouvidos e coração abriram-se inteiramente para absorver seus ensinamentos. Senti a realidade de cada convênio que fiz, com todas as fibras do meu corpo. Senti estar bem diante do Senhor toda vez que com ele fiz convênio. A influência do Senhor era tão forte, que não tive desejo de sair do templo após o término da sessão. Então, me dei conta realmente de que estava no mundo sem ser do mundo.

Um mês mais tarde, passei pelo templo em favor de mamãe. Foi outra experiência gloriosa. Senti a presença dela durante a sessão de endowment, e quando se realizou o selamento, senti literalmente a presença de meus pais junto ao altar. A influência do Santo Espírito era tão forte na sala, que caí em prantos, en-

quanto estava sendo selada a eles. Senti-me realmente ligada a eles e desde aquele dia, sinto-me tão próxima deles que nem parece que já se foram.

O templo é, verdadeiramente, uma casa de oração e um local de ensino superior sobre as coisas do Espírito. Sempre que tenho alguma dúvida, vou ao templo procurar a resposta certa. Quando adentro suas portas, sinto que estou ali para conversar com meu Pai Celestial; por isso, tenho que me concentrar no que lhe digo em minha mente e coração, e devo escutar com apuro o que ele me fala pessoalmente. Eu amo e aprecio os templos pelas bênçãos que me deram. Não existe na terra outro local onde mais gostaria de estar.

A Irmã Sipuao J. Matuauto trabalha como tradutora no Departamento de Traduções da Igreja e canta no Coro do Tabernáculo.

“EU A AMAVA ANTES...”

Bo G. Wennerlund, **conselheiro na presidência da Missão na Suécia.**

Embora eu me batizasse em 1949, minha esposa não se achou preparada até quatro longos anos depois. Quando o Templo da Suíça foi dedicado em 1955, éramos uma família de sete pessoas, e a viagem parecia acima de nossas possibilidades financeiras. Maud e eu ajoelhamo-nos e rogamos ao Senhor que nos abrisse um caminho. Cerca de um mês mais tarde, meu patrão me chamou para dizer que estava muito satisfeito com meu trabalho e queria dar-me um bom aumento de salário. Naquele mesmo verão, fomos à casa do Senhor pela primeira vez.

Jamais olvidarei a alegria, felici-

dade e a determinação de viver o Evangelho que me encheu a alma depois da primeira visita ao templo. Obtive conhecimento e visão a respeito do meu destino eterno com que jamais sonhara. O ponto alto foi quando nossa família foi selada para o tempo e toda a eternidade.

Fitei os olhos de minha mulher por sobre o altar e vi lágrimas de felicidade correndo-lhe pelas faces. Eu a amava antes, mas nunca tanto quanto naquele momento. Ela, uma filha de Deus, era mãe de meus filhos! Parecia que até então eu nunca entendera isso. Depois, nossas orações passaram a ser mais significativas, amávamos o Senhor mais do que nunca, e o servíamos com todo prazer.

Continuamos a voltar ao templo, porque amamos o trabalho e o espírito ali reinante. Toda vez que retornamos, somos lembrados dos convênios que fizemos, e isto é o mais forte incentivo para continuarmos a viver de acordo com o Evangelho.





Flores

por Maria Schilling

A Lorena, pequena região fronteira, há muito vem sendo um pomo de discórdia entre a Alemanha e a França. Nestes nossos dias de redução de distâncias, ela é um mero pontinho no mapa. Não obstante, é uma terra rica em história, coberta de túmulos e monumentos. Os feitos ali acontecidos são contados, e o sangue de incontáveis soldados regou seu solo.

A capital da província é Metz, cidade que remonta aos tempos romanos, quando era a maior fortificação da Europa. É um lugar onde as próprias pedras falam. Vindo do oeste, o Rio Mosela repentinamente se bifurca, para abraçar grande parte da cidade. Numerosas pontes e cais dão-lhe um encanto peculiar.

A leste, pouco antes de se reunirem os dois braços do rio, existe uma ilha — a Ilha Cemitério. Ali, encostados um ao outro, encontramos armazéns que são mantidos cheios de cereais em caso de guerra ou sítio, um paiol de pólvora e uma fábrica de munições. Mais para a extremidade da ilha, estão os três cemitérios que dão nome à ilha — o cemitério municipal, o judeu e o militar. Bem na extremidade da ilha, ergue-se uma gigantesca cruz de madeira, dominando essa estranha simbiose de pão para os vivos, armas destruidoras e túmulos de judeus, cristãos e soldados.

A I Guerra Mundial terminara. A Lorena, depois de pertencer à Alemanha desde 1847, subitamente voltara

a ser francesa. As tabuletas das ruas estavam mudadas, mas a vida continuava, voltando paulatinamente à normalidade. Avizinhava-se o primeiro de novembro — Dia de Todos os Santos, a data de decorar o túmulo dos mortos. Na véspera, fomos aos cemitérios para enfeitar os túmulos de familiares e amigos. No cemitério militar, encontramos, além das sepulturas mais antigas e bem cuidadas, longas fileiras de sepulturas novas — túmulos de combatentes que haviam morrido nos hospitais militares durante os últimos meses de guerra. Cada uma delas estava marcada por uma pequena cruz de madeira e coberta por alguns ramos de pinheiro a bem da conservação. Mas não havia nenhuma flor, nenhuma coroa. A Alemanha era praticamente inacessível por causa da guerra perdida, e os familiares dos mortos não tinham meios de decorar as sepulturas ou mesmo mandar flores.

Todavia, quando amanheceu o Dia de Todos os Santos e o público começou a encher os cemitérios, aqueles que passavam pelo cemitério militar, viram uma flor recém-colhida em cada sepultura nova. Mamãe havia cortado todas as dalias e crisântemos do seu jardim e levado ao cemitério de manhãzinha.

Uma coisa de nada? Talvez. Mas mesmo uma centelhazinha emite luz, e mesmo o menor dos atos de amor encontra eco em alguma parte do mundo. Tenho quase certeza de que, duas décadas mais tarde, quando mamãe perdeu dois netos na II Guerra Mundial praticamente no mesmo dia em alguma parte da Rússia, u'a mãe olhou suas sepulturas com um sentimento de empatia.



RECORDAR O CONSELHO DO PAI

A pequena cabana de troncos em Winter Quarters ainda não estava bem acabada, mas, mesmo assim, Orson Spencer e seus filhos a ocuparam. Estavam ansiosos por instalar-se antes que o pai partisse para a Inglaterra, onde deveria publicar um jornal da Igreja a chamado do Presidente Brigham Young.

O pai explicara a Ellen, que acabara de completar catorze anos, e Aurélia, de doze, que deviam fazer o papel de "mãezinhas" para os quatro irmãos menores. Lucy, a caçula, tinha apenas três anos. A mãe falecera pouco depois de deixarem Nauvoo; assim, o pai levou as crianças para o outro lado do Rio Missouri e apressou-se em construir a cabana antes de partir.

Adquiriu oito vacas a fim de que houvesse leite à vontade para tomar e ainda para vender. Possuíam também um cavalo que devia ser vendido para comprar mantimentos.

Duas das meninas estavam-se recuperando de uma enfermidade, quando o pai se despediu delas nos fins do outono. Amigos instalados nas cabanas vizinhas haviam-se prontificado a ajudar as crianças, se fosse necessário.

O inverno foi longo, rigoroso e solitário. Muita gente da pequena comunidade morreu. Entre eles diversos amigos dos Spencer.

Aurélia escreveu em seu diário: "Passamos relativamente bem pela primeira parte do inverno que foi muitíssimo severo. Perdemos o cavalo e todas as vacas, menos uma. Assim, não tínhamos leite nem manteiga. As provisões também se estavam esgotando, de modo que, na primavera e verão seguintes, passamos privações. Parte do tempo não tínhamos nada além de fubá, que misturávamos com água

para assar sobre a chapa. Muitas noites fui para a cama sem jantar, tendo que esperar até sentir fome bastante para engolir nossa pobre refeição."

Então um dia, nos fins do outono de 1847, o Presidente Brigham Young foi visitar a cabana de um só cômodo dos Spencer. Encontrou-a limpa e as crianças bem cuidadas. O pai estava longe havia mais de um ano, quando os santos começaram os preparativos para a jornada rumo ao oeste na primavera seguinte.

As crianças contaram ao Presidente Young que o pai lhes escrevia freqüentemente fazendo sugestões quanto ao que deviam vestir, como pentear os cabelos, o que deviam fazer em caso de doença e como cuidar uns dos outros. Mostraram-lhe a última carta recebida. Depois de tê-la lido, o Presidente Young disse que tinha um assunto muito importante para pensarem e perguntou:

— O que vocês diriam, caso seu pai ficasse na Inglaterra pelo menos mais um ano? Nós precisamos dele lá.

As crianças se entreolharam e depois esperaram que Ellen, como a mais velha, falasse.

— Se acharem que é o melhor, — disse ela calmamente, — para nós está bem, pois queremos fazer o melhor.

As outras crianças concordaram. Lembra-vam-se do que o pai lhes escrevera: "Mesmo que ele permita a nossa morte, devemos confiar, e tudo irá bem."

Elas tinham fé no pai, no conselho dele e no Pai Celestial. E assim, no verão de 1848, as crianças Spencer começaram seus preparativos para acompanharem os santos para o Oeste, animadas e com o coração agradecido.



Um vizinho Feliz

Um dia, enquanto o pequeno Ramsey, de sete anos, brincava na casa de seu amigo, dois missionários bateram à porta e foram convidados a entrar. Ramsey ficou tão animado com o que diziam os dois élderes, que pediu que fossem também até sua casa e conversassem com seus pais.

A família de Ramsey também se impressionou com a mensagem dos missionários e convidou-os a voltarem para ensinar-lhes mais sobre o Evangelho de Jesus Cristo. Logo os pais e dois irmãos mais velhos de Ramsey se batizaram na Igreja. No ano seguinte, Ramsey festejou seu

melhor aniversário. Agora tinha também idade suficiente para ser batizado! (Missão Ohio-Virgínia Ocidental).

Palavras de Sabedoria

O rosto de A-Pui estava esfolado e intumescido. Perdera três dentes e tinha um curativo no queixo. Quatro dias antes do domingo de jejum, tinha levado um tombo da bicicleta. Mas durante a reunião, levantou-se e prestou testemunho de que sabia que Deus vive e responde às nossas preces. Seu espírito maravilhoso tocou o coração de muita gente nesse dia.

Mesmo antes de entrar para a Igreja, A-Pui costumava ajudar os

missionários em Hong Kong. Primeiro, batizaram-se seu irmão e duas irmãs mais velhas, e depois A-Pui também se tornou membro.

Agora A-Pui, seu irmão e irmãs aceitaram o desafio de ensinarem aos pais mais coisas a respeito do Evangelho, para que eles também pudessem tornar-se membros da Igreja. Os missionários de Hong Kong estão convencidos de que eles terão sucesso!

Algo Maravilhoso

Certo dia, Julie Ann Christensen, de doze anos e que mora na Califórnia, foi visitar sua amiguinha Lori Bontempo que havia pouco se mudara para uma casa bem em frente. A

família Bontempo estava sentada ao redor da mesa da cozinha, conversando sobre diferentes religiões. Julie aproveitou para falar sobre a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Quando todo mundo se pôs a fazer perguntas, ela recitou as Regras de Fé, dando algumas explicações sobre cada uma. Todas se admiraram de que uma garotinha soubesse tanta coisa.

Mais tarde, Julie levou-lhes um Livro de Mórmon e explicou que os missionários teriam prazer em visitá-los e falar-lhes mais acerca da Igreja. No dia 9 de fevereiro de 1974, foram batizados Paul, Carol, Lori, David e seus pais.

— Julie parecia irradiar algo maravilhoso, enquanto nos falava sobre a Igreja, comentou o Sr. Bontempo. — Ela realmente tem consigo um espírito especial.

Estranhos à Porta

Na noite de 26 de outubro de 1973, dois missionários sentiram um extraordinário espírito de calor e paz, enquanto batiam de porta em porta na cidade de Kanazawa, Japão. Entraram num pequeno jardim e tocaram a campainha na casa dos Aburantani.

A porta de correr foi aberta por duas crianças, Yuka e Tadakatsu, que ficaram surpresas ao verem aqueles dois moços altos. Tadakatsu voltou correndo para a sala de jantar e gritou:

— “São dois estranhos, lá fora.”

A irmã mais velha, Yuka, acrescentou calmamente:

— “Acho que são americanos.”

A mãe das crianças foi atender a porta. Os missionários explicaram estar representando a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e perguntaram se poderiam falar à família. A mãe conversou com o marido, e os missionários foram convidados a voltar.

Yuka e Tadakatsu mostraram muita vontade de ajudar a família a preparar-se para o batismo. Finalmente chegou a maravilhosa noite. Os olhos escuros de Tadakatsu brilhavam de felicidade enquanto observa-

va os pais e a irmã serem batizados. Agora está contando os dias até ter idade suficiente para batizar-se também!

Uma Missionária da Primária

Eu me chamo Leeih Siu-Ling e sou uma garota SUD que vive em Hong Kong. Embora faça só cinco meses que sou membro da Igreja, eu sei que o Evangelho é muito, muito importante e quero compartilhar esta alegria com minhas amigas de escola.

Decidi fazer com que uma de minhas amigas conhecesse a Igreja, e convidei-a a ir à Primária comigo. Mas ela respondeu:

— “Eu estou na escola budista e por isso não posso ir com você.”

Expliquei que seria bem-vinda, mesmo não sendo membro da Igreja, e ela resolveu ir comigo. Sentiu-se tão bem e alegre na casa de nosso Pai Celestial, que me disse que, estar na Primária, fazia-a ter vontade de guardar todos os mandamentos do Pai nos céus.

Eu também procurava conversar



com ela sobre o Evangelho, e assim sua fé foi ficando cada vez mais forte. Depois, ela pediu que os missionários lhe dessem as aulas.

Agora, ela e eu vamos sempre juntas para as reuniões da Igreja!

Adivinhe Só!

Meu nome é Philip Crook, estou com nove anos de idade, e tenho três irmãos menores: Ricky, de sete anos, Janene, de cinco, e Kristene, de três anos.

Mais ou menos três anos atrás, mudamo-nos para Washington, para que papai pudesse freqüentar a faculdade e se formar. Uma de minhas amiguinhas, chamada Kathy, perguntou se eu podia ir à Primária com ela. Meus pais acharam que não faria mal, e depois de eu ter ido várias vezes, a presidente da Primária me deu um Livro de Mórmon. Na Primária, aprendi a orar, e meus pais deixavam que eu pedisse a bênção dos alimentos quando comíamos.

A primeira vez que tomei parte num programa foi numa reunião sacramental. Minha família toda foi lá para me ouvir. Quando a reunião terminou, papai olhou para mamãe e falou:

— “Adivinhe só! Os missionários querem conversar mais conosco sobre a Igreja. Já que todos foram tão gentis com Philip e conosco, acho que devemos deixar que venham.”

Os missionários vieram todas as semanas, e sempre que saíam, papai e mamãe ficavam uma porção de tempo conversando, sentados nos degraus da varanda.

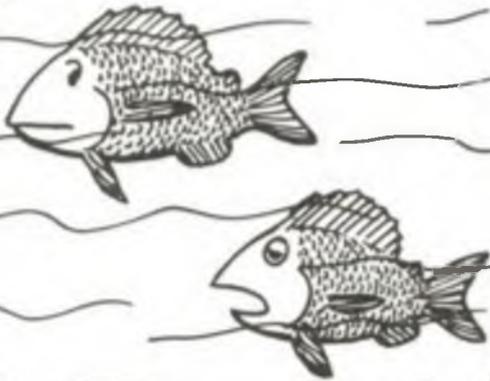
Depois de dois meses, quis entrar para a Igreja, mas papai achava que não estava preparado, porque não conseguia deixar de fumar. Mas não demorou para conseguir, e aí os dois foram batizados.

Agora a gente faz uma porção de coisas em família. E muitas vezes ouço meu pessoal dizer:

— “Não sei como a gente se arranjava antes, sem a Igreja.”

Agora, quando temos problemas, sabemos que o Pai Celestial nos ajudará a entender e resolvê-los.

Só Para Divertir

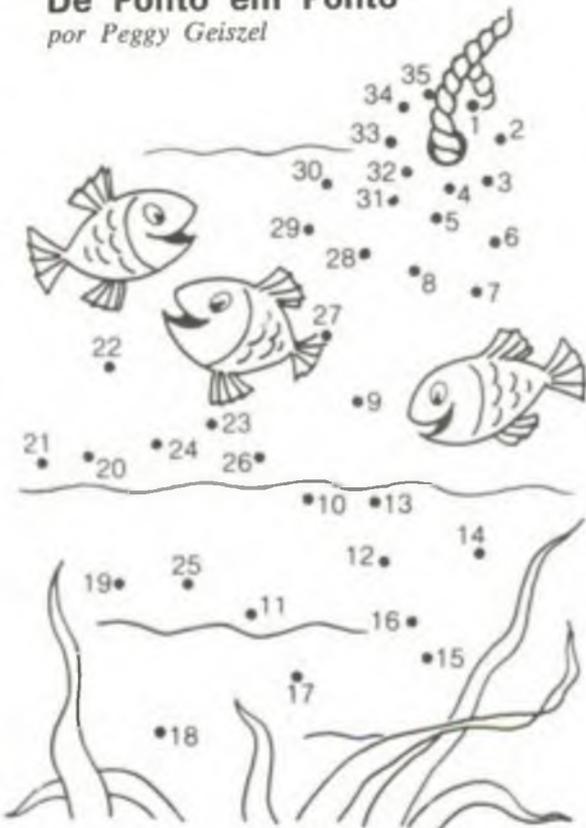


ART
WINBURG

Acho que vou enjoar

De Ponto em Ponto

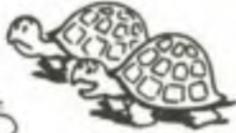
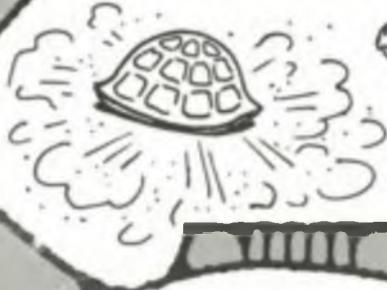
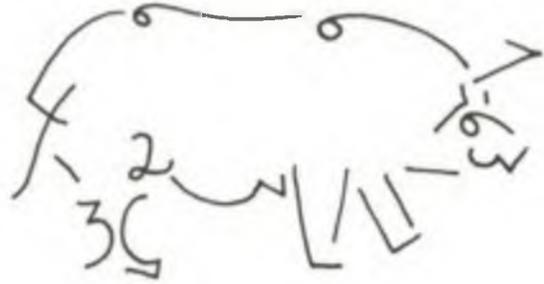
por Peggy Geiszel



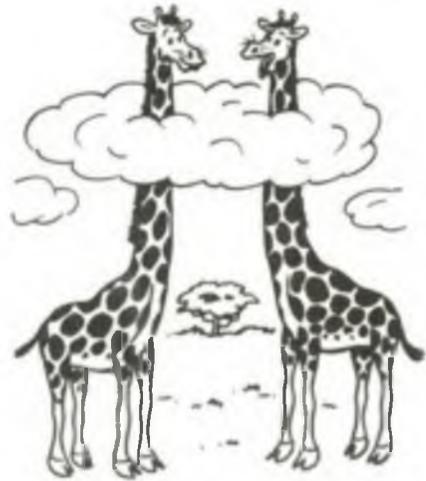
Será que você pode ajudar Sueli
a encontrar um par de luvas iguais?

Enigma do Porquinho

O porquinho foi desenhado com dezoito números (de um a sete) que, somados, dão setenta e um. Você é capaz de descobrir todos eles?



Eu acho que a Mimi está fazendo faxina



Que dia nublado!



Você consegue descobrir vinte e dois triângulos?
por Richard Latta



Olhe aqui, não somos os únicos perdidos.





O que o pai faz está sempre certo.

(uma adaptação)
por Hans Christian Andersen

Bem lá no interior da Dinamarca, viviam certa vez um sitiante e sua mulher. A casa do sítio era toda coberta de musgo, e bem no alto do telhado uma cegonha fizera ninho. As paredes estavam tortas, as janelas eram pequenas e apenas uma delas se abria. De uma das paredes sobressaía um forno de assar. Do lado de fora, uma sebe de sabugueiros e salgueiros cercava um pequeno tanque no qual nadava uma pata com sua ninhada. No quintal, havia um velho cão que latia sempre que alguém passava.

Eles viviam sem uma porção de coisas, mas possuíam um cavalo que costumava pastar na beira da estrada, porque não tinham pastagem para ele. As vezes, o sitiante ia para a cidade a cavalo, e outras seu vizinho o pedia emprestado. O sitiante

achava que isto era vantagem, pois o povo do interior acreditava que uma boa ação dá origem a outras. Mas um dia, ele achou que seria bom se trocasse o cavalo por alguma coisa mais útil, embora não soubesse o que poderia ser.

— “Você logo descobrirá,” — disse a mulher. — “Hoje é dia de feira na cidade. Por que você não vai até lá com o cavalo e o troca por outra coisa qualquer? O que você fizer estará certo.”

Então ela deu um laço duplo na sua gravata, para que ficasse mais elegante. Depois, escovou o chapéu com a palma da mão, deu-lhe um beijo de despedida e lá se foi ele, montado no cavalo que ia vender ou trocar, como melhor lhe parecesse.

O sol brilhava com toda força, e não havia um pingão de sombra pela estrada. O caminho poeirento estava repleto de gente que ia para a feira. Alguns tinham carroças, outros iam a cavalo, mas muitos seguiam mesmo a pé. Lá pelas tantas, o sitiante reparou num homem que ia levando uma vaca que era uma beleza. **Aposto como essa vaca dá um mundo de leite**, pensou consigo, e gritou para o homem:

— “Ei, você aí com a vaca, eu

gostaria de conversar com você!” — E quando o homem se voltou, o sitiante continuou:

— “Eu bem sei que um cavalo vale mais que uma vaca, mas uma vaca seria mais útil para mim. Você não quer trocar?”

— “Por que não?” — concordou o homem.

Agora que tinha feito o que pretendia, o sitiante devia ter dado meia volta e seguido para casa. Mas, como saíra para ir à feira, decidiu que seria uma pena não fazê-lo.

Ele e a vaca andaram depressa, e logo alcançaram um homem que levava uma cabra. Que lindo animal! **Eu bem que gostaria de possuir uma cabra assim, pensou o sitiante. No inverno, quando faz muito frio, a gente poderia pô-la dentro de casa. Além disso, não tenho pasto suficiente para a vaca, mas seria o bastante para uma boa cabra.** Quanto mais



admirava a cabra, tanto mais gostava dela.

— “O que você acharia de trocar sua cabra por esta vaca?” — perguntou finalmente. E o negócio estava feito.

Ele não tinha ido longe com a cabra, quando viu um homem descansando, sentado numa grande pedra. E ele bem que tinha motivo de descansar, pois ia carregando um ganso enorme.

— “Que ganso gordo!” — exclamou o sitiante, ao tirar o chapéu. — Que beleza não ficaria nadando no nosso tanque, e depois a mulher poderia dar-lhe as cascas das batatas.

Ela já disse muitas vezes que deveríamos ter um ganso, pensou de si para consigo, e agora vamos ter um!

— “Eu troco minha cabra por seu ganso e ainda coloco um muito obrigado na barganha,” — propôs ao homem.

— “Uma cabra por meu ganso!” — exclamou o estranho. — “Negócio fechado, mas pode ficar com o seu muito obrigado, pois não gosto de me aproveitar.”

Metendo o ganso debaixo do braço, o sitiante seguiu caminho. Quando chegou perto da feira, havia gente e animais por todos os lados.

O guarda do portão da cidade havia amarrado sua galinha no canteiro de batatas, para que não se assustasse e fugisse com toda aquela confusão. Sua cauda era tão emplumada quanto a de um galo, e quando o sitiante passou, cumprimentou-o alegremente com um cacarejo.

— “Que linda galinha,” — disse o sitiante. — “Gostaria de que fosse minha.” — **Uma galinha sempre encontra o que comer esgaravando o chão, pensou consigo. Depois ela põe ovos. Vou ver se consigo fazer uma barganha.**



Foi pensar e fazer. Depois de trocar o ganso pela galinha branca do porteiro, sentiu sede e fome. Entrando numa estalagem, o sitiante esbarrou num dos empregados que levava um saco às costas.

— “O que você leva nesse saco?” — quis saber.

— “Maças podres,” — replicou o empregado. — “Vou dá-las aos porcos.”

Um saco cheio, que desperdício! pensou o sitiante. **Gostaria de que a**

mulher visse isto. Lembrou-se de que, no ano passado, a velha macieira deles dera uma só maçã. Sua mulher a guardara no guarda-comida até ficar seca, do tamanho de uma noz. Então, um dia, comentou: “Sinto-me rica só de olhar para ela.” Pôs-se a pensar como não se sentiria a mulher tendo um saco cheio de maçãs, e pediu que o empregado lho desse.

— “O que você me dará em troca?” — indagou o empregado.



— “A galinha,” — replicou o sitiante. Mal acabou de falar, estava com um saco de maçãs podres nos braços, em lugar da galinha.

A estalagem estava repleta de açougueiros, fazendeiros, comerciantes, negociantes de cavalos e havia mesmo dois ingleses ricos. O sitiante sentou-se, e impensadamente, botou o saco de maçãs junto à lareira, onde logo começaram a esquentar e frigrir.

— “O que é isso?” — perguntou um dos ingleses ricos, apontando para o saco junto à lareira.

Então o sitiante contou-lhe como trocara seu cavalo por uma vaca, a vaca por uma cabra, a cabra por um ganso, o ganso por uma galinha, e finalmente a galinha por um saco de maçãs podres.

— “Sua mulher vai ficar uma fera, quando você chegar em casa,” — caçoou o inglês.

— “Nada disso,” — insistiu o sitiante. — “Ela vai simplesmente me dar um beijo e dizer que o que o pai faz está sempre certo.”

— “Aposto uma barrica de ouro e um saco de prata como não dirá”, — disseram ao mesmo tempo os dois ingleses.

— “A barrica de ouro me basta e, se eu perder, dar-lhes-ei uma barrica cheia de maçãs podres e ainda a mulher e eu de contrapeso,” — declarou o sitiante.



Assim, os ingleses alugaram a caruagem e os cavalos do estalajadeiro, e partiram todos para a casa do sitiante. Lá chegando, pararam bem em frente à porta, onde apareceram um cachorro latindo e a mulher do sitiante para cumprimentá-los.

— “Boa noite, mãe,” — falou o sitiante.

— “Estou contente que tenha chegado bem,” — respondeu ela.

— “Olhe, eu troquei o cavalo por uma vaca,” — disse-lhe o marido.

— “Trocar é negócio de homem,” — respondeu ela, dando-lhe um abraço. — “Agora teremos leite, manteiga e queijo.”

— “Mas eu troquei a vaca por uma cabra.”

— “Como você é esperto! Nós temos capim bastante para uma cabra, e o leite de cabra será uma delícia no jantar. Com a lã, posso tecer meias e uma agasalho para dormir. Que marido bom e sábio você é!”

— “Então eu troquei a cabra por um ganso gordo,” — prosseguiu o sitiante.

— “Oh, meu querido, será mesmo que vamos ter um ganso gordo para a ceia de Natal? Você sempre encontra um jeito de me agradar.”

— “Eu troquei o ganso por uma galinha,” — falou o sitiante orgulhoso, pois agora via como se saíra bem.

— “Ótimo negócio”, — comentou a mulher. — “Galinha põe ovos, e dos ovos saem pintinhos. Logo tere-

mos um galinheiro cheio e isso é uma coisa com que sempre sonhei.”

— “Mas eu troquei a galinha por um saco cheio de maçãs podres.”

— “Você merece um beijo, meu querido! — disse a mulher. — “Enquanto você estava fora, eu decidi fazer um belo jantar. Queria fazer um omelete com cebolinha, mas não tinha nenhum. Nossa vizinha tem, mas não quis emprestar. Ela disse que eu não poderia devolver-lhe nem mesmo uma maçã podre, pois em nossa horta não cresce nada. Agora posso dar-lhe uma porção de maçãs podres. Você fez a melhor barganha de todas.”

Os ingleses não podiam mais de tanto rir.

— “De mal a pior e eles nem mesmo o percebem. Sempre felizes, sempre contentes. Vale o dinheiro ver gente assim,” — disseram eles, e deram uma barrica cheia de moedas de ouro ao sitiante.

Sim, vale a pena uma mulher admitir que seu marido é esperto. E agora você sabe que: “o que o pai faz está sempre certo!”





Histórias Excepcionais da Vida de Nossos Apóstolos

Matthew Cowley

Esboço Biográfico

O Élder Cowley nasceu no dia 2 de agosto de 1897 em Preston, Idaho, sendo seus pais Mattias F. Cowley e Abbie Hyde. Aos dezessete anos de idade, foi chamado a cumprir uma missão na Nova Zelândia.

Formou-se em direito pela Universidade George Washington.

Em 1938, foi chamado a presidir a Missão da Nova Zelândia.

Enquanto ainda estudava em Washington D.C., voltou para casa, a fim de casar-se com Elva Eleanor Taylor, no Templo de Lago Salgado, no dia 13 de julho de 1922. O casamento foi celebrado pelo Presidente George Albert Smith, então membro do Conselho dos Doze.

A 5 de outubro de 1945, o Irmão Cowley foi apoiado membro do Conselho dos Doze, na assembléia sole-

ne da Igreja, por ocasião da conferência semi-anual. Na mesma conferência, o Presidente George Albert Smith fora apoiado presidente da Igreja, e o primeiro chamado que fizera para o apostolado havia sido para aquele jovem que guiara e amara desde criança.

O Élder Cowley foi ordenado apóstolo no dia 11 de outubro de 1945, o sexagésimo quinto apóstolo desta



Élder Matthew Cowley com os Santos de Nova Zelândia

dispensação, pelo Presidente Smith. Cerca de um ano mais tarde, foi criada nova posição de responsabilidade entre as Autoridades Gerais da Igreja, e o Élder Cowley foi indicado a ocupar o novo cargo de presidente das missões das ilhas do Pacífico, com a responsabilidade de dirigir os negócios da Igreja nas numerosas missões ali existentes. Sua sede continuou a ser a Cidade de Lago Salgado, mas os três anos seguintes, passou-os praticamente viajando pelas ilhas do mar. Agora, todos os povos polinésios tinham oportunidade de ser abençoados por ele, assim como os maoris, durante os anos em que vivera entre eles como missionário e presidente de missão.

Tinha um grande dom para línguas, sendo capaz de falar nos idiomas nativos de modo que fosse entendido pelo povo em todas as suas viagens. Além de suas visitas pelas ilhas do Pacífico, esteve também nas missões do Oriente e Austrália. Visitou as Filipinas, o Japão e a China, dedicando esta última novamente para a pregação do Evangelho. Depois de aproximadamente três anos nessa designa-

ção especial, foi desobrigado; e desde essa data até a sua morte, viajou extensamente com outras autoridades gerais, em visita às estacas e missões da Igreja.

Por ocasião de sua morte, a 13 de dezembro de 1953, tornara-se um dos homens mais amados de seu tempo. Poucos homens têm sido tão queridos e respeitados. Ele influenciou a vida de todos os que o conheceram.

Leon R. Hartshorn, compilador. *Exceptional Stories from the Lives of Our Apostles*. Copyright Deseret Book Company, 1973. Transcrito com permissão.

“Dezessete Anos de Idade”

Como me lembro bem de quando, ainda garoto — fiquei sozinho por três meses, sem companheiro e sem entender o idioma nativo — nesse tempo, ia todas as manhãs, às seis horas, para o bosque, e ali estudava por onze horas, jejuando e orando. Finalmente, depois de onze ou doze semanas e sem nenhum outro missionário para me encorajar, tive a audácia de postar-me diante de um grupo de nativos e pregar-lhes o Evangelho em seu próprio idioma. Usei palavras que ja-

mais lera ou ouvira, e no meu peito sentia um ardor, como nunca senti igual, nem antes nem depois em minha vida. Não pensava como um adolescente. O poder de Deus falava através de mim, um garoto de dezessete anos de idade.

De Joelhos

Quero dizer-vos, irmãos, que durante os últimos meses, tenho orado tanto e tantas vezes, que quase inconscientemente me surpreendi prestes a ajoelhar-me na rua para orar. A integridade do lar mórmon está fundamentada na oração em círculo familiar. O Santo dos Santos desta Igreja não se encontra neste tabernáculo ou no templo, mas no vosso lar. É ali que estais provando os poderes salvadores do Evangelho de Jesus Cristo. Como eu apreciava meu pai, quando estive fora de casa estudando, ou nas ilhas, fazendo o trabalho missionário. Andei muito doente por oito meses. Tive furunculose, insolação, solitária, um cavalo me escoiceou o abdômen — foi uma coisa atrás da outra. Mas quando acordava de manhã, costumava dizer a mim mesmo: **Bem, todos lá em casa, papai, mamãe, meus irmãos e irmãs estão de joelhos orando por mim.** E ao entardecer e no cair da noite, eu sabia que, a mais de doze mil quilômetros de distância, minha família estava de joelhos oferecendo suas preces, e que nelas meu nome era lembrado. Isto significa muito para mim. Sou grato a Deus, porque a integridade do meu lar — meu lar paterno — nunca foi quebrada. E mesmo quando já estava casado e ia à casa de meus pais, antes de sair, papai dizia:

— “Volte aqui, ainda sou o patriarca desta família, e você tem direito

à minha bênção,” — e então orava. Extravasava sua alma a Deus, e o tempo todo estava-me pregando o Evangelho por meio da oração.

“Esses Nativos Vivem Perto de Deus”

Ele (Matthew Cowley) devia estar de certa forma pronto para o chamado ao apostolado... Acaso seus amigos nativos não lhe haviam predito essa designação? Um caso particular, do qual devia lembrar-se, ocorreu na Nova Zelândia, quando os santos da missão estavam reunidos prestando as últimas homenagens ao Élder Rufus K. Hardy. Um dos oradores nativos estava lamentando a grave perda da missão, ocasionada pela morte do Élder Hardy, retirando-o dos conselhos diretivos da Igreja, quando subitamente se interrompeu, olhou para o Presidente Cowley e falou:

— “Esperem um pouco. Não há motivo para nos preocuparmos. Quando o Presidente Cowley voltar para casa, ele ocupará a primeira vaga no Conselho dos Doze Apóstolos, e nós continuaremos a ter um representante entre as autoridades da Igreja.”

Tumuaki Cowley sabia que aquelas não poderiam ter sido palavras casuais, pois muitas vezes ele já testemunhara a inspiração do Senhor mostrar-se entre aquele povo. “Esses nativos vivem perto de Deus. Eles possuem um poder especial. Suponho que seja porque aceitam milagres como coisa normal. Nunca duvidam de coisa alguma.” dizia ele.

Olhar na Mesma Direção

Recentemente, em uma de nossas estacas, visitei a casa de um homem

que estava de cama. As únicas partes do corpo que conseguia mover eram os olhos e a língua. Podia enxergar e falar, e isso era tudo; não havia vida em suas pernas, nem em seus braços. A casa estava imaculada; a roupa de cama estava imaculada; ele estava imaculado. Talvez não houvesse vida em sua mão, mas a companheira segurava essa mão com um aperto tão forte quanto a própria vida. O aperto de mão, irmãos — tem significado! E quando estiverem longe um do outro, se não sentirem um aperto de mão espiritual mais firme que o físico, voltem um para o outro o mais depressa possível. Como sabem, o genuíno amor não é ficar olhando um para o outro na clássica pose do sofá — os olhos de um nos olhos do outro. Isso não é o verdadeiro amor. O verdadeiro amor é o



Matthew Cowley, aos 4 anos

que toma conta do coração e motiva a vida, quando vocês se levantam do altar e ambos olham na mesma direção para a eternidade. Isto é amor genuíno — ambos olhando na mesma direção.

O maori, referindo-se à esposa, diz: “Taku hoa wahine”, o que quer dizer: “Minha mulher companheira”. A mulher, falando do marido, diz “Taku hoa tane”, “Meu marido companheiro”. Eu prefiro isto ao dizer-se simplesmente: “Minha mulher” ou “Meu marido”. “Minha mulher companheira”, “Meu marido companheiro”! Companheirismo implica em direção única através da eternidade.

“Não Seria Maravilhoso?”

Deus é um sócio maravilhoso, não é? Ele é maravilhoso. Como eu gostaria de contar com um sócio assim na vida. Gostaria de fazer negócios com alguém como ele, de ter um sócio que viesse a mim, dizendo: “Olhe aqui, eu lhe forneço todo o capital para começar o negócio. Forneço também todas as bênçãos. Depois, você cuida do negócio. Não se esqueça de mim. Quando houver lucro, você fica com noventa por cento e me dá dez por cento. Você poderá usar seus noventa por cento como bem quiser, e eu investirei meus dez por cento no negócio”. Não seria maravilhoso? É justamente esse tipo de sócio que temos na Igreja. Ficamos com os noventa por cento para usar como quisermos, às vezes até em prejuízo nosso. Damos a ele os dez por cento, e aqui temos um templo, aqui está o tabernáculo. Ele investe tudo diretamente no negócio, no seu negócio. Deus financiará esta Igreja, irmãos, se vocês cumprirem os princípios do Evangelho.



MINHA HISTÓRIA

Esta é uma história autêntica — a história de como Fabio Clavijo se converteu à Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Fabio é natural da Colômbia,

América do Sul, sendo um dos primeiros a se filiar à Igreja nesse país. Há pouco completou missão de dois anos na sua terra natal e atualmente estuda na BYU.

Sendo natural de um país no qual o desejo predominante do povo é servir a igreja estatal*, fui criado em ambiente religioso. Desde criança, minha vontade era tornar-me pa-

dre católico, tentando convencer minha família sobre isso de todas as formas. Eu era o terceiro entre cinco irmãos, e aqui é costume entre a maioria das famílias dedicar o filho mais velho ao serviço da igreja. Meu irmão mais velho esteve num seminário por sete anos, mas saiu para se casar. Em virtude do desapontamento com meu irmão mais velho, não foi fácil persuadir minha família a concordar com meu ingresso no seminário, mas, finalmente, venci. Prometi a meu pai que não iria desapontá-lo como meu irmão, e em 1963 entrei no seminário com o sincero desejo de tornar-me um padre dedicado.

Um dia, indo ao correio para despachar uma carta para a Alemanha, encontrei um bonito cartão sobre um dos balcões, que me atraiu por mostrar um templo. Sem lê-lo, meti-o no bolso ao sair da agência do correio. Dois ou três dias depois, quando ia mandar a roupa para o tintureiro, revistei os bolsos e encontrei o tal cartão. Decidi conservá-lo por ser bonito, e li-o por inteiro. Depois, disse a mim mesmo: **Essa gente deve ser maluca para acreditar em coisas assim.**

A legenda do cartão dizia "Templo SUD de Los Angeles" e dava ainda dois endereços, um na América do Sul e outro nos Estados Unidos. Eu havia lido que SUD é equivalente a mórmon, e pensei comigo: **Não quero saber mais nada — são polígamos, com cinco ou dez mulheres ao mesmo tempo.**

No dia seguinte, decidi escrever à Missão Andina, visto que ficara impressionado com a Regra de Fé que fala do Livro de Mórmon. Queria saber do que tratava esse livro. Mandei a carta e voltei para o seminário, onde logo esqueci completamente o assunto.

Um dia, vindo visitar-me, minha irmã entregou-me uma carta e um



pacotinho vindos do Peru. Abri o pacote — era um Livro de Mórmon. A carta dizia que, no momento, não havia missionários na Colômbia, mas, se eu quisesse saber mais, assim que a Colômbia fosse aberta para o seu trabalho, os missionários me visitariam. A carta continha ainda o desafio de eu ler o Livro de Mórmon. Quando minha irmã me interrogou a respeito da carta, disse-lhe que era de um amigo e não abri o pacote até ela ir embora.

Não sei por que, mas comecei a ler o livro. Lia-o mesmo durante as horas de estudo, escondendo-o debaixo da Bíblia. Em quatro dias, li até Mosiah.

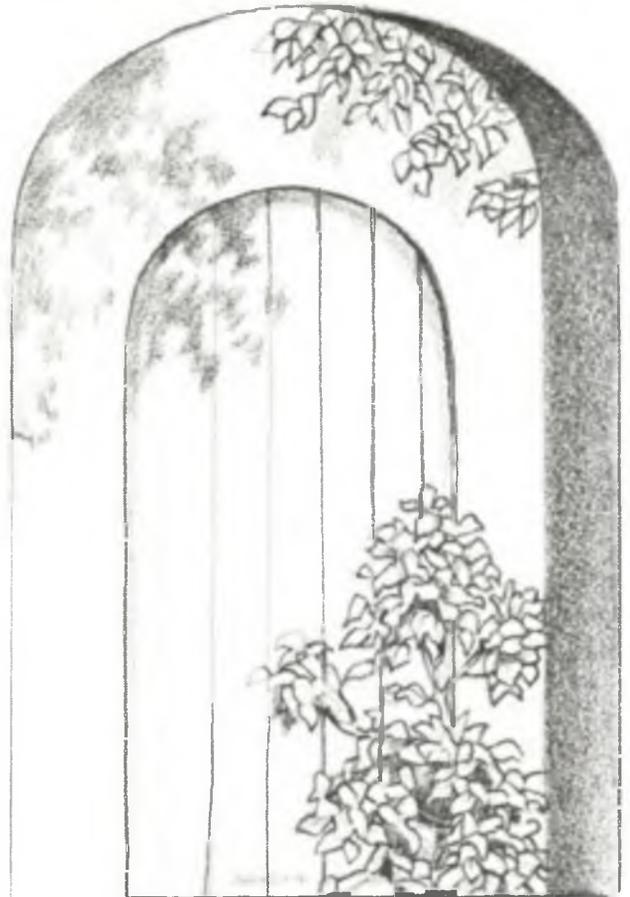
Em julho, voltando a visitar-me, minha irmã contou que uns americanos tinham estado à minha procura. Fiquei surpreso, pois não conhecia nenhum americano e já havia esquecido a questão do livro. Entretanto, mandei que minha irmã lhes desse o número de meu telefone, se eles voltassem. Poucos dias mais tarde, telefonaram. Eram 20:00 horas. Identifi-

cando-se como missionários mórmons, disseram que desejavam conversar comigo. Expliquei que estava num seminário e seria difícil arranjar uma visita. Mas eles insistiram e consegui que pudessem visitar-me no dia seguinte. Avisei que deviam dizer que eram amigos apenas, não missionários, quando aparecessem. Eles assim fizeram e pudemos conversar. Fiquei impressionado após a primeira aula, mas disse-lhes:

— Eu nunca vou abandonar a minha igreja. Sei que ela é verdadeira e quero ser padre.

Os missionários exortaram-me a ler o Livro de Mórmon e a orar. Eu tinha medo de orar. Naquele tempo, acreditava de fato que minha igreja estava certa, e desejava sinceramente tornar-me padre.

Não sei por que, mas continuei a ler o Livro de Mórmon. Quando os missionários voltaram, uns três ou quatro dias mais tarde, eu estava lendo o livro de Morôni. Deram-me a segunda aula e fiquei sumamente impressionado.



Uma tarde, fugi do seminário e fui a uma reunião SUD. Era pequeno o número dos presentes; todavia, gostei dos discursos.

As visitas dos missionários prosseguiram, e eu estava na quinta aula. Perguntaram-me se ia batizar-me, mas repliquei:

— “Na verdade, tudo o que eu queria, era saber mais a respeito dos mórmons.”

Acho que ficaram um pouco desapontados, mas exortaram-me mais uma vez a orar e a ler o Livro de Mórmon. Não marcamos novo encontro; disse-lhes que eu os chamaria; se quisesse saber mais, reafirmando que desejava ser um padre na minha igreja.

Na manhã seguinte, acordei dando-me conta de que tinha um testemunho! Telefonei imediatamente aos missionários, marcando um encontro. Durante a sexta aula, expliquei-lhes que era menor de idade, e minha família esperava que me tornasse padre e sabia que seria difícil conse-

guir uma permissão escrita de meu pai. Dei-lhes o endereço do escritório de meu pai. Quando foram vê-lo, pensou que estivessem brincando, ao lhe dizerem que iam batizar-me. Depois, compreendendo que estavam falando a sério, ficou muito zangado. Disse que não se importava que eu me tornasse mórmon, mas que nesse caso, teria de encontrar um novo lar.

Fui batizado no dia 6 de setembro de 1967, numa piscina de água gelada.

Meu pai me perdoou, mas se opunha a que freqüentasse a Igreja SUD.

Duas semanas após o batismo, fui chamado como secretário do ramo — um desafio e tanto para um rapaz de quinze anos. Fui secretário por dois anos. Cheguei mesmo a preencher minha própria ficha de membro. Fui um dos primeiros membros SUD na Colômbia.

Um ano depois, faleceram ambos meus pais. Meus estudos secundários passaram a representar uma

provação, pois muitas vezes passava fome e não tinha dinheiro para as necessidades primárias. Minha família era rica, mas não me dava nada por eu ser mórmon.

Pouco depois de me formar, vim para os Estados Unidos e passei a freqüentar o Ricks College, em Rexburg, Idaho, onde gozava de uma bolsa de estudos integral.

Tive o privilégio de ser chamado para uma missão na minha terra natal, e quando cheguei lá como missionário, encontrei cinco mil membros. Trabalhei por dois anos. Aprendi a amar o meu povo e fiz amizades maravilhosas. Fui desobrigado de minha missão em agosto de 1973.

Atualmente estou estudando na BYU. Tenho um testemunho e estou plenamente convencido de que esta Igreja é verdadeira e que Joseph Smith foi realmente um profeta de Deus.

* Igreja mantida pelo governo.

Por Aqueles Que Estão Esperando



**Bênção e Inspiração
Recompensam a
Pesquisa Genealógica.**

por Hoyt Palmer

Há um aspecto da genealogia que proporciona maior recompensa espiritual do que qualquer outra coisa que se possa experimentar na vida. É quando fé, oração e jejum trazem um auxílio direto, reconhecível, daqueles que estão esperando além do véu que as ordenanças salvadoras sejam feitas por eles.

Eles são tão reais e estão tão vivos hoje, em sua esfera além-túmulo, como quando habitavam a terra em seus tabernáculos mortais. E sabem quando e onde nasceram, viveram e morreram; quem foram seus pais e outros membros da família.

As crônicas genealógicas SUD estão repletas de relatos de assistência prestada por essas pessoas a seus atuais descendente que procuram ajudá-las.

Gertrude Todd, experiente genealogista, passou anos procurando em vão os dados do avô do marido. Abraham Todd, do qual se sabia unicamente que nascera em Fornsett, Norfolk, Inglaterra em 1850, e o nome dos pais.

A Irmã Todd escreveu inúmeras cartas a todos os lugares e pessoas que pudessem eventualmente fornecer uma leve pista. Passou dias e dias pesquisando registros disponíveis na biblioteca genealógica. Seus esforços eram constantemente estimulados por uma pressão e urgência interior que não podia ignorar.

Finalmente, certa manhã, colocou todas as cartas e registros sobre a mesa; depois, como muitas vezes antes, e sempre em jejum, ajoelhou-se e implorou o auxílio do Senhor. Ao levantar-se, viu, com assombro e alegria, a palavra **metodista** escrita em letras pretas de estilo inglês antigo, na folha de cima do seu arquivo.

Imediatamente escreveu outra carta, desta vez ao superintendente da Igreja Metodista em Fornsett, Inglaterra.

A resposta não se fez esperar, e logo, recebia outra carta de um idoso ministro aposentado com quem o superintendente entrara em contato — justamente um sobrinho de Abraham Todd. Sua mãe era irmã de Abraham.

Imaginem só a alegria e gratidão da Irmã Todd, quando, por meio de correspondência, foi capaz de compilar os tão necessários dados dos antepassados. Mas sua alegria e contentamento foram de pouca duração. De alguma forma sentia que faltava um membro da família, e voltou-lhe a urgência de fazer alguma coisa a mais.

Seguiram-se mais estudos e pesquisas, mas agora com novas pistas, até encontrar o membro que faltava. Era uma garotinha chamada Susan, desconhecida até do ministro sobrinho. O nome de Susan não constava de nenhum registro da família, do estado ou da igreja, mas foi achado nas listas de recenseamento de outra cidade, onde, descobriu-se, a família Todd vivera por pouco tempo.

Finalmente a família foi selada, e a Irmã Todd gozou de um sentimento de alegria e satisfação. Curiosamente, a palavra **metodista** logo desbotou e desapareceu do papel no qual fora escrita, mas não antes de poder ser comparada com a letra de certos

Esquerda: leitores de microfilme usados pelos pesquisadores na Biblioteca Genealógica.

Direita: mais de 800.000 rolos de 30 m de microfilme são arquivados na Montanha Granite.



registros familiares encontrados em Forncett, com a qual combinava perfeitamente.

Outro caso diz respeito a Lida Prince, que prometera ao tio, em seu leito de morte, que assumiria os deveres dele como genealogista da família Lee. Mas ela pediu em troca que ele procurasse seus antepassados além do véu e desse a sua ajuda.

Foi-lhe prometido também, numa bênção dada por seu primo, o Élder Harold B. Lee, então membro do Conselho dos Doze, que, quando necessário, receberia ajuda de além-túmulo.

Prolongados e diligentes esforços para traçar a linhagem da sua bisavó, Jane Vail Johnson, foram infrutíferos, até que Lida passou a orar e jejuar pelo auxílio prometido. Então suas preces foram atendidas de um modo maravilhoso. Certa noite, um jovem vestindo roupa escura apareceu e postou-se aos pés da cama, antes de ela haver-se deitado, enquanto a luz estava ainda acesa. Ela anotou tudo o que viu e ouviu.

O moço mostrou-lhe um livro intitulado **Mahlon Johnson Family — Ancestors and Descendants**, em cuja contracapa estava impresso: Little-town, N.J., 1775-1857. O mensageiro, que não se identificou, disse-lhe: — “Neste livro encontrará o registro de vovó.”

A Biblioteca Genealógica não dispunha do livro, mas a Biblioteca do Congresso sim; como também forneceu informação sobre onde poderia ser obtido. O filho da Irmã Prince conseguiu um exemplar, e na bibliografia, constava uma obra intitulada: **Fits Randolph Traditions**, que se destacava de todas as demais. A Irmã Prince adquiriu também este livro, e com auxílio dos dois, compilou mais de quinhentas folhas de grupo fami-

liar dos antepassados Johnson e famílias aparentadas, sendo capaz de traçar a linhagem direta de vinte e seis gerações.

Henry Christiansen, assistente-executivo na Sociedade Genealógica, e genealogista acreditado, estava pesquisando os arquivos da biblioteca para um cliente, cujos antepassados constavam ter estado entre os “Holandeses de Nova Iorque.” Ele já havia examinado todas as fontes conhecidas, relacionadas com esses colonizadores, sem encontrar qualquer pista.

Como às vezes acontece, quando alguém não sabe mais onde procurar, ele ficou lendo títulos de livros, quando seus olhos bateram numa obra referente a colonizadores holandeses na Pensilvânia. O grosso volume, de mais de quinhentas páginas em tipo miúdo, não continha índice, não havendo qualquer dispositivo para ajudar a encontrar determinado item. Por isso, recolocou o livro na prateleira e foi adiante.

Entretanto, ao passar novamente pelo mesmo local, seus olhos foram novamente atraídos pelo mesmo livro, e teve a forte inclinação de dar mais uma olhadela. Parou e, quase inconscientemente, estendeu a mão; ao tirar o livro do lugar, ele escapou-lhe da mão. Procurando instintivamente evitar que fosse ao chão, empurrou-o para uma mesinha, onde caiu aberto, ficando sua mão espalmada sobre as páginas; e ali, justamente acima do seu dedo indicador, ele viu o nome do homem que estava procurando.

A Irmã Maureen Wahlquist e seu marido Mark já haviam feito diversas viagens ao Condado de Chickasaw, Mississippi, onde tinham vivido os antepassados dela. Eles sempre o

faziam com orações e fé, sendo recompensados. Mas, em 1969, uma expectativa mais definida os acompanhava em sua pesquisa genealógica.

Nessa ocasião, estava com eles o pai da Irmã Wahlquist, que vivia em Memphis; vinham à procura do avô da esposa dele.

Conseguiram permissão para examinar os testamentos no tribunal do condado em Houston, mas não encontraram o sobrenome que procuravam no índice de testamentos. Tudo o que lhes restava era procurar a esmo, o que dava poucas esperanças. Seu pai simplesmente ficou abrindo e dando uma olhadela nas gavetas dos arquivos. Então, com uma vara especial provida de gancho, puxou uma da fila superior, a quase três metros de altura.

Quando a gaveta saiu de seu escaninho, caíram ao chão alguns papéis avulsos; um deles, como descobriram alegremente, era um registro de transferência de propriedade contendo o nome do bisavô que procuravam. A alegria esmoreceu, quando nada mais de interesse acharam entre os documentos.

Entretanto, quando o Irmão Wahlquist tentou recolocar a gaveta no lugar, ela não entrou até o fim; alguma coisa estava atrapalhando. Subindo numa escada, meteu a mão no escaninho e tirou mais outro documento. Era o testamento do bisavô da Irmã Wahlquist, contendo o nome da esposa e de nove filhos, e dados adicionais que os levaram a identificar mais uma geração.

Hoyt Palme é genealogista acreditado (aposentado) e líder-assistente do grupo de sumos-sacerdotes da Ala X da Estaca Butler Oeste, na Cidade de Lago Salgado.

O PODER DE ELIAS

Se formos obedientes, o Senhor cumprirá sua promessa de velar por nós e cuidar de nós.

Élder Theodore M. Burton

Assistente do Conselho dos Doze

Meus irmãos, tudo o que foi falado hoje aqui tem minha inteira aprovação. De todo o coração, dou meu apoio e lealdade a estes homens que foram designados por Deus como profetas.

O Velho Testamento fala de muitos profetas importantes. O derradeiro profeta da antiga Israel, que possuía a plenitude de autoridade divina, foi Elias, o tesbita. A terra foi assolada pela fome, quando Elias, conforme o mandamento de Deus, fechou os céus para que não mais chovesse. Durante esse tempo, ele foi alimentado miraculosamente pelos corvos junto ao ribeiro de Carite, afluente do Jordão.

Depois, Deus mandou Elias para a cidade de Sarepta, dizendo-lhe que escolhera uma viúva de lá para alimentá-lo. Elias encontrou a viúva nas vizinhanças da cidade e pediu-lhe comida.

"Porém ela disse: Vive o Senhor teu Deus, que nem um bolo tenho, senão somente um punhado de farinha numa panela e um pouco de azeite numa botija; e vês aqui, apanhei dois cavacos, e vou prepará-lo para mim e para meu filho, para que o comamos, e morramos." (1 Reis 17:12)

Elias, então, prometeu-lhe em nome do Senhor, que, se lhe desse de comer, nunca haveria de passar fome. Tenho ponderado sobre a fé nessa mulher que, diante da promessa de um humilde homem de Deus, pôs na balança a vida do filho e a própria. Obedientemente preparou o alimento e deu-o a Elias, seguindo-se então o milagre do cumprimento da promessa do profeta: "Da panela a farinha não se acabou, e da boti-



ja o azeite não faltou: Conforme a palavra do Senhor, que falara pelo ministério de Elias." (1 Reis 17:16)

Se o poder de Elias é tão importante em questões temporais, imaginai o poder espiritual que devia possuir. Como sabeis, ele podia ligar ou selar na terra e estava ligado nos céus, ou podia desligar na terra e ficava desligado nos céus. Em sua época, ele cerrou os céus, para que não chovesse por causa da maldade do povo, e de fato não choveu uma gota, até ele haver demonstrado ao povo a impotência e falta de poder dos quatrocentos e cinquenta sacerdotes de Baal. Após destruí-los e o povo haver-se humilhado, Elias, pelo poder de Deus, abriu novamente os céus, e as chuvas caíram para minorar a fome.

Esse poder selador é característico dos profetas de Deus que possuem plena autoridade divina.

Jesus prometeu esse poder selador a Pedro, dizendo: "E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus." (Mat. 16:19)

Contudo, Pedro não obteve tal poder senão uma semana depois, quando Jesus levou Pedro, Tiago e João para o topo de uma alta montanha. Ali se transfigurou, e apareceram-lhes Moisés e Elias, conferindo aos apóstolos mencionados, sob a direção de Jesus Cristo, a plenitude da divina autoridade do Sacerdócio. Elias, o último profeta do Velho Testamento a reter as chaves do poder selador, transferiu esse poder aos profetas do Novo Testamento. Há muita ordem no Sacerdócio, e a transferência de chaves de autoridade é executada cuidadosamente, sob a direção e à maneira do Senhor. Uma vez restaurado esse poder, tornou-se possível passá-lo a todos os apóstolos, conforme nos contam as Escrituras. Jesus disse aos Doze: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu." (Mat. 18:18)

Existe considerável confusão na mente dos estudiosos a respeito do poder de Elaiás e o poder de Elias. * Houve um profeta de nome Elaiás que é mais conhecido como Noé. (Vide Joseph Fielding Smith, **Answers to Gospel Questions**, Deseret Book Co., 1957-66, 3. vol., pp. 138-41).

O ofício de Elaías é de um precursor ou predecessor, preparando para coisas maiores que se seguirão. Tais profetas levam o título de Elaías.

Os Doze, sabendo da vinda de Moisés e Elias, comentaram que haviam pensado que Elaías deveria vir primeiro e pediram uma explicação a Jesus. Este respondeu que as Escrituras ensinam que Elaías tem que

*** Na Bíblia, ambos são chamados Elias. Para distingui-los melhor, vide D&C 26:6-7. N. do T.**

vir primeiro, e que a doutrina é certa e correta. A seguir, explicou que João Batista foi esse Elaías, o que preparou o caminho, mas não foi reconhecido como tal pelo povo. Depois desse precursor, vem Elias com o poder de conceder o selamento do Sacerdócio de Melquisedeque à casa de Israel. A seguir, vem a culminação do Messias ou Ungido, que é o Salvador ou Redentor com poder supremo.

O mesmo aconteceu em nossos dias. O precursor da restauração do Sacerdócio foi a volta de João Batista como um Elaías, restaurando o poder do Sacerdócio Aarônico. Depois vieram Pedro, Tiago e João, que restauraram o Sacerdócio Maior, ou de Melquisedeque. A nossa geração, porém, é a plenitude dos tempos mencionada por Pedro, e que seria estabelecida nos últimos dias. Nesta geração, portanto, tinha que haver uma "restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio." (Atos 3:21)

Por conseguinte, antes de Jesus vir em todo o seu poder e glória, todas as coisas têm que estar preparadas, inclusive a restauração do poder selador de Elias.

Assim, é preciso cumprir a profecia feita por Malaquias. Cito a promessa como foi enunciada por Morôni, quando foi mandado ensinar Joseph Smith no começo desta dispensação:

"Eis que vos revelarei o Sacerdócio pela mão do Profeta Elias, antes da vinda do grande e terrível dia do Senhor.

"E ele plantará no coração dos filhos as promessas feitas aos pais, e os corações dos filhos se voltarão aos pais.

"Se assim não fosse, toda a terra seria totalmente destruída na sua vinda." (D&C 2).

É tão importante esta Escritura, que é a única que conheço citada praticamente palavra por palavra em todas as quatro obras-padrão. O Profeta Elias, com seu poder selador, veio exatamente como fora predito. Essas chaves do Sacerdócio foram restauradas em perfeita ordem e harmonia, exatamente como no Monte da Transfiguração. Cada um dos profetas portador de chaves especiais do Sacerdócio apareceu e restaurou-as aos profetas na terra. Apareceu Moisés, veio Elaías e depois Elias dizendo:

"Eis que chegado é o tempo exato do qual falou Malaquias — testificando que ele (Elias) seria enviado, antes que o grande e terrível dia do Senhor viesse —

"Para converter os corações dos pais aos filhos e dos filhos aos pais, para que a terra toda não seja ferida com uma maldição —

Portanto, as chaves desta dispensação são postas em vossas mãos; e por isto podereis saber que o grande e terrível dia do Senhor está perto, mesmo às portas. (D&C 110:14-16)

Com o cumprimento desta profecia, todos os antigos poderes do Sacerdócio voltaram à terra. Foram sendo erguidos templos nos quais se realiza a plenitude dessas ordenanças sacerdotais para aqueles que se qualificam para recebê-las através da fé e de uma vida justa. Antes de o Salvador voltar novamente, foi-nos dado poder para realizarmos uma grande obra do Sacerdócio. Devemos ligar as famílias dos homens em autêntica ordem patriarcal, a fim de que, pelo merecimento, possamos ter o privilégio de viver no reino celestial como filhos de Deus, com corpos ressurretos de carne e ossos, para habitar eternamente na própria presença de Deus, o Pai Eterno.

Através desse poder sacerdotal que foi novamente restituído aos profetas de Deus, poderemos selar as famílias na terra e efetivar o selamento nos céus. Na qualidade de discípulos autorizados de Jesus Cristo, podemos tornar igualmente salvadores, não só para nossos familiares vivos, mas também para nossos progenitores falecidos. Para isto, basta exercer a simples fé em cumprir a promessa, como a viúva fez por Elias. Entregou o último alimento que tinha como prova de sua fé em Deus. E nós, sem dúvida, podemos dar, da grande abundância recebida de Deus, um pouco de nosso tempo e meios para executar essa obra espiritual pelos vivos e pelos mortos, sob a direção dos profetas modernos que possuem a mesma plenitude do poder sacerdotal, como tinha Elias, o tesbita. O Presidente Kimball possui as chaves do poder selador para ligar na terra e estar ligado nos céus. Ele é um verdadeiro profeta de Deus, o que testifico em nome Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão vespertina de sábado, 6 de abril de 1974.



Vista parcial do Templo de Salt Lake City e Edifício Geral da Igreja.

RAPAZES PRECISAM DE HOMENS

**Na vida de todo rapaz não deveria
faltar a bênção de homens escolhidos**

Élder Marion D. Hanks

Assistente do Conselho dos Doze



Imagino quantos de vós, moços e homens um pouco mais velhos, conheceis a história do homem da jaqueta de couro marrom. Um famoso cirurgião certa noite recebeu um telefonema de um médico amigo que dizia precisar da sua ajuda, para salvar a vida de uma garotinha que já estava na mesa de operações. Era um longo caminho até o hospital no lado oposto da cidade, e o cirurgião dirigia o mais depressa que ousava. Ao parar num sinal, um homem de jaqueta de couro marrom abriu a porta e entrou no carro com a mão no bolso, como se segurasse uma arma. O indivíduo estava excitado, exigindo o carro, e obviamente não pretendia discutir o assunto. O cirurgião ficou ali, sem nada poder fazer, enquanto o tal homem da jaqueta de couro marrom saiu a toda com o carro.

Quando, finalmente, o cirurgião chegou ao hospital, era tarde demais. A criança morrera havia instantes. O outro médico pediu que o cirurgião fosse com ele conversar com o pai da criança, esperando que, juntos, conseguissem consolá-lo. Quando entraram na sala de espera, o pai se

adiantou — era o homem da jaqueta de couro marrom.

Fico imaginando quantos de nós aqui presentes hoje são, em outro sentido, homens da jaqueta de couro marrom que, por falta de sabedoria, talvez sem sabê-lo e certamente sem desejá-lo, impedem que seus filhos recebam auxílio espiritual quando necessitam. Ou então, em se tratando de jovens, quantos são tentados a seguir um rumo que pode prejudicar os filhos que terão um dia.

Esta grande reunião de hoje à noite não é só emocionante e encorajadora, em sua evidência do imenso potencial do Sacerdócio no reino de Deus, mas também manifesta a capacidade da Igreja de exercer poderosa influência no preenchimento de uma das mais vitais necessidades no mundo de hoje, isto é, de suprir modelos de genuína masculinidade para os rapazes em vias de se tornarem homens.

A ausência dos pais em casa, por uma ou outra razão, e a falta da imagem e influência paterna na vida dos rapazes são, obviamente, fatores nas principais dificuldades vividas por nossa sociedade. Tenho a firme con-

vicção de que, nos lares da Igreja e por meio da liderança do Sacerdócio, o problema é corrigível; podemos enfrentar tal desafio, se estivermos dispostos a tentar.

Somente Deus conhece o valor de um rapaz, mas nós também somos pais e temos certa noção dele. Um rapaz é inestimável não só por si mesmo mas também porque todo indivíduo é uma espécie de conjunto, carregando dentro de si todo o passado que entrou em sua formação, todo o potencial de influenciar o presente, e ainda é obrigado a enfrentar a séria realidade de que leva dentro de si as sementes do futuro. Em circunstâncias normais, chegará um dia em que alguém o chamará de pai, e é em relação a esse alguém e a seu futuro, que tem uma grande e solene responsabilidade.

Os rapazes precisam de homens com quem possam aprender, homens com quem possam conviver e que compreendam sua necessidade de atividades que sejam desafiantes e social e espiritualmente construtivas, que os façam esforçar-se e lhes dêem a oportunidade de aprender habilidades masculinas, homens a

quem possam amar e que os amem, homens que sejam modelo do que um homem deve ser. O pai deveria ser a primeira linha de força, e o rapaz abençoado com tal pai é realmente afortunado. Mas, naturalmente, mesmo uma família assim, poderá utilizar toda a influência benéfica que possa receber de homens bons que realmente se importam. Mas, e o rapaz que não tem pai, ou cujo pai não lhe dá o que unicamente um pai pode dar? Na minha opinião, o Senhor providenciou, para ajudá-lo, o melhor programa que o mundo já viu — um programa de bispos e conselheiros, supervisores, professores, chefes de escotismo, líderes, trestres familiares treinadores — homens fortes que realmente se importam. Se o programa do Senhor funcionar devidamente, literalmente nenhum rapaz, na Igreja inteira, precisará ficar sem a bênção de homens escolhidos em sua vida; e todo rapaz terá, de fato, diversos homens justos ativamente interessados em seu bem-estar. Alegro-me com a maravilhosa ala a que pertencemos e com os grandes homens que estão interessados em meu filho e nos outros garotos que dirigem.

Agora, deve ficar claro que não deixamos de apreciar a maravilhosa influência das mães e outras nobres mulheres na orientação dos rapazes — e ninguém mais no mundo inteiro melhor do que eu para compreender isso — mas é preciso homens para fazer um homem. Mesmo a mãe não poderá fazê-lo sozinha, e certamente ninguém deveria ser obrigado a empreender só tal esforço; tampouco podem as escolas ou outras instituições satisfazer tal necessidade. Rapazes precisam de homens!

As implicações disso para os pais e outros portadores do Sacerdócio são realmente patentes. Em muitos lares, em toda vizinhança, em qualquer comunidade, em toda ala e ramo da Igreja, existem rapazes que ne-

cessitam da ajuda de homens, mães que precisam que homens ajudem seus filhos.

Seria lícito perguntar o que acontecerá, se os rapazes não conseguirem o que precisam de bons pais ou homens conscienciosos, cuja bem-aventurança é ajudá-los? A resposta é que eles terão que improvisar, ou procurar aprender de outros jovens tão ignorantes e inexperientes quanto eles. Aprenderão na rua, ou nos corredores da escola, onde o sucesso talvez seja medido em termos de proeza física, sexual ou econômica, em lugar de termos de caráter e relações valiosas.

Agora, irmãos, se precisamos melhorar o que estamos fazendo, e desejamos melhorar, qual o programa a seguir? Hoje à noite, temos tempo para considerar apenas o princípio de uma resposta entre muitas; porém, é uma resposta vital e que precisa ser entendida.

No capítulo trinta e seis do livro de Alma, no Livro de Mórmon, existe uma lição notável para todo pai, ou aqueles que fazem as vezes de pai. Alma presta um forte testemunho de fé e arrependimento a seu filho Helamã. Convém lembrar que Alma, em rebeldia juvenil, cometeu alguns erros graves. Ele queria que seu filho evitasse tais erros e soubesse o que ele, Alma, havia descoberto sobre as compassivas misericórdias de Deus, sem passar pelas mesmas terríveis e penosas experiências. Nesse depoimento profundamente honesto, Alma descreve o tormento por que passou, e compartilha com Helamã três grandes mensagens que todo pai gostaria de transmitir a seu próprio filho. Eu as repito hoje à noite ao meu filho e convido-vos a que vos junteis a mim:

1. “E agora, ó Helamã, meu filho, eis que estás na juventude; peço-te, portanto, que ouças as minhas palavras e aprendas de mim; porque sei que todo aquele que confiar em Deus

será auxiliado em seus sofrimentos, pesares e aflições, e será exaltado no último dia.

“E eu não quero que penses que sei isso por mim mesmo — não pelo que é temporal, mas pelo espiritual, não pela mente carnal, mas de Deus.” (Alma 36:3-4)

Depois, Alma acrescenta algo, e o mesmo faço eu:

2. “E... trabalhei sem cessar para conseguir trazer almas ao arrependimento; para fazer com que elas experimentassem a intensa alegria que eu provei; para que também possam nascer de Deus e encher-se do Espírito Santo.

“E agora, eis que, meu filho, o Senhor me concede uma imensa alegria com o produto de meu trabalho.

“Porque, através da palavra que me comunicou, eis que muitos foram nascidos de Deus e experimentaram como eu experimentei, e viram como eu vi; conheceram, portanto, como eu conheço, todas essas coisas sobre as quais falei; e o saber que possuo vem de Deus.” (Alma 36:24-26)

Mas estas mensagens não bastavam. Há uma terceira:

“Mas, meu filho, isso ainda não é tudo; pois que deves saber, assim como eu sei, que enquanto guardares os mandamentos de Deus prosperarás na terra; e também deves saber que quando não os guardares,



serás afastado de sua presença...” (Alma 36:30)

Assim um pai testemunhou ao filho.

Quão tolo de nossa parte se reservamos para nós mesmos, ou para outros que não nossos filhos, o conhecimento e testemunho do Evangelho que obtivemos. Eles, mais que os outros, necessitam e merecem isso de nós.

Será possível que, neste aspecto, alguns de nós sejamos um pouco como o homem da jaqueta de couro marrom?

Notastes que muitos dos mais impressionantes ensinamentos do Livro de Mórmon são dirigidos por pais diretamente a seus filhos queridos? Léhi, Jacó, Benjamim, Alma, Helamã, Mórmon e outros — todos ensinando lições maravilhosas aos filhos.

Não vos lembrais de Coriânton, filho de Alma, e seu triste engano? Ele era orgulhoso, obstinado, justificando-se com a desculpa de que outros também pecavam. Alma claramente mostra a gravidade dos atos do filho, chama-o ao arrependimento, ensina-lhe o significado da expiação de Cristo, mostra-lhe o caminho a seguir, e transmite-lhe a mensagem de seu coração:

“E então o Espírito do Senhor me disse: Ordena a teus filhos que pratiquem o bem, a fim de que não conduzam o coração de muitos à destruição; por conseguinte, eu te ordeno, meu filho, no temor de Deus, que te abstenhas de tuas iniquidades.” (Almas 39:12)

Nesta maravilhosa lição para pecadores — e os que procuram ajudar pecadores — encontramos algumas das mais tristes e comoventes palavras que conheço, vindas de um pai devoto que tentou fazer trabalho missionário nos mesmos lugares em que seu filho cometeu imoralidades: “...ao observarem eles o teu procedimento, não acreditaram nas minhas palavras.” (Alma 39:11)

No Livro de Mórmon existem, na-

turalmente, outros relatos como o do rapaz que seguiu os ensinamentos do pai e, ainda jovem, resolveu o que realmente queria. São dele estas palavras (Vós o conheceis!):

“...eu, Néfi, sendo muito jovem, apesar de minha grande estatura, e tendo grande desejo de conhecer os mistérios de Deus, clamei ao Senhor; e eis que ele me visitou, e enterneceu meu coração, de maneira que acreditei em tudo o que meu pai me dissera...” (1 Néfi 2:16)

Néfi executou muitas tarefas importantes, e uma das que melhor recordo é quando ajudou o pai, que murmurara, quando o grupo perdeu seu equipamento de caça e enfrentava a inanição. Néfi, como sabeis, tinha sido abençoado com maravilhosas experiências espirituais, mas tinha um amor tão grande ao pai, que, em lugar de criticá-lo ou assumir a direção, ajudou-o a reconquistar o respeito próprio e a confiança. Foi procurá-lo e pediu que inquiresse a Deus onde ele, Néfi, deveria ir caçar. Com esse apoio, o ancião reencontrou a fé e foi novamente capaz de guiar sua gente. A história em si é um incidente de somenos, no Livro de Mórmon, mas a lição não o é. Não é pouca coisa restabelecer a confiança e a fé no homem, em um ponto crítico de sua vida, quando ele fracassou e está cheio de ceticismo a respeito de si mesmo.

Assim, as Escrituras são uma fonte extraordinária, e talvez grandemente ignorada, de força para jovens de valor em sua jornada rumo à influência e responsabilidade adulta, e para aqueles que agora têm o encargo de guiá-los. Até que ponto estamos aproveitando essa fonte?

Fiorello LaGuardia, que emigrou da Itália para os Estados Unidos, tornou-se um dos prefeitos mais respeitados e influentes da história de Nova Iorque. No princípio de sua carreira de juiz, no seu tribunal, um homem foi condenado por furto, e ele sentiu-

se compelido a impor-lhe pena de prisão. Mas quando o homem explicou que furtara para dar de comer a sua família necessitada, o juiz suspendeu a sentença, e impôs uma multa a todas as pessoas presentes na sala, por viverem numa cidade em que um homem tinha que roubar pão para alimentar a família.

Fico imaginando se uma penalidade assim não poderia algum dia ser imposta, com justiça, a pais, professores e outros adultos na Igreja, que deixaram de dar aos nossos jovens o pão da vida, seja qual for o motivo.

Talvez tanto os rapazes quanto os homens compreendam a analogia de um carro que um jovem deseja desesperadamente, e que seu pai lhe promete para o aniversário, desde que o mereça.

— “Basta você fazer coisas sensatas e andar com pessoas sensatas”, — diz o pai — “que vou ver se lhe arranjo para o aniversário o carro que deseja.”

O automóvel foi descrito detalhadamente, com todo equipamento que um rapaz poderia desejar. Assim, ele andou com gente sensata, fez coisas sensatas e se preparou, esperando ansiosamente pelo grande dia. Enfim chegou. Olhando pela janela, viu o carro de seus sonhos ali parado. Tinha tudo o que sua imaginação poderia conceber. Mal podia conter-se de amor e satisfação. Correu para junto do carro, examinou-o e depois voltou correndo para o pai em busca das chaves.

— “A chave?” — disse o pai. — “Ah, sim, a chave. Bem, vou contar-lhe uma coisa. O carro é seu. Há muito venho preparando você para ele. É muito valioso e importante, e sei que você fará bom uso dele, mas por agora vou ficar com as chaves. Eu avisarei quando puder usá-lo. Poderá dizer a todo mundo que é seu, mas não o use.”

Os rapazes precisam de mais que uma promessa e mais que um nome;

precisam de permissão para testar sua força, usar sua capacidade, usar seu Sacerdócio.

Vós, rapazes, naturalmente tendes também grande responsabilidade nessas questões. Muitos de vós fostes maravilhosamente abençoados com dons do Senhor, e com oportunidades para gozá-los e utilizá-los. Vosso senso de reconhecimento, vosso respeito pelas bênçãos de Deus, vossa madura aceitação de responsabilidade, e vosso maravilhoso serviço e senso de humor — tudo isso nos fortalece, encoraja, e nos deixa muito orgulhosos.

Faz poucos dias um esplêndido presidente de estaca falou de seu desapontamento, quando o filho trouxe uma nota baixa no boletim. Levando o rapaz para seu escritório, mostrou-lhe o boletim e perguntou severamente:

— “O que você vê neste boletim?”

— “Bem, papai, eu vejo três “10”, — respondeu o garoto.

Suponho que os pais devem ficar atentos às notas baixas, e que é próprio dos rapazes verem mais as altas. Entendendo isto, ambos serão ainda mais abençoados.

Agora gostaria de terminar com breves relatos a respeito de dois grandes pais.

Um garoto estava atrás do púlpito, na reunião da Escola Dominical, tentando dar um pensamento, mas

não conseguia falar uma palavra. Seu pai, um homem enorme, levantou-se, foi até o púlpito e disse, colocando o braço em torno do filho:

— “Sei que o Larry preparou o pensamento e que será capaz de dá-lo. Ele está um pouco nervoso, por isso vou falar por uns momentos e então sei que ele estará pronto.”

O pai ficou ali abraçado ao filho, e num momento, o rapaz conseguiu dar o pensamento. E muitos choraram.

Tempos atrás, conheci um ótimo rapaz, e esta semana tive o privilégio de passar algum tempo com ele e sua família. Esse jovem sofre de atrofia muscular. Ele é notável, querido de todos na ala. Sempre desejou fazer as coisas que os outros fazem. Teve sucesso como lobinho. Agora é escoteiro de primeira classe e está progredindo.

Quando era diácono, Jay distribuía o sacramento com os demais. Ele não conseguia andar, nem ficar de pé; por isso o pai ficava ao lado dos outros diáconos; sustentando Jay com um braço em torno da cintura e ajudando-o a segurar a bandeja, visto que não tinha força suficiente nas mãos. E assim o pai ajudava o filho a distribuir o sacramento de banco em banco. Jay fez um belo trabalho como diácono, coletando também ofertas de jejum, levado pelo pai de porta em porta. Podeis imaginar a cena junto à porta?

Jay presta um forte testemunho; sua atitude e perspectiva são assombrosas. Ele faz discursos e se sai muito bem. Tem cantado na Igreja e sempre que faz essas coisas, lá está o pai para sustentá-lo com seus braços, ficar junto dele e apoiá-lo.

Jamais, em toda minha vida, ouvi uma história mais linda e mais comovedora. Que Deus abençoe um pai assim, que Deus abençoe um filho assim, e que Deus abençoe a nós que temos tanto, e ainda nos sobra um pouco de tempo, para que possa-

mos dar uma nova olhadela em nosso filho ou no rapaz que necessita de alguma ajuda adicional fora do lar. Que Deus vos abençoe, rapazes, para que apreciéis vossos pais, para que sejais pacientes, afáveis e magnânimos. Que Deus nos abençoe a todos, rapazes e homens, agora e no futuro, para sempre agirmos de modo a ajudar outros a usufruírem as bênçãos especiais que Deus deseja para eles.

Pais, líderes do Sacerdócio, os jovens precisam de modelos. O sermão sem palavras é claramente ouvido e profundamente assimilado pelos que estão próximos. Os jovens não adquirem valores por meio de definições e diatribes. “Eles não aprendem princípios éticos; eles copiam pessoas éticas (ou sem ética). Não analisam ou enumeram os atributos que desejam desenvolver; mas se identificam com as pessoas que parecem possuí-los.” (John Gardner, **Self-Renewal**, p. 124) O que os rapazes precisam não é de discursos sobre noções de amor, relações humanas ou Deus — mas de serem expostos ao amor incondicional, ao serviço abnegado, à realidade de Deus em reverência, amor e oração humilde. E é por isto que necessitam de modelos do que pode chegar a ser o homem. Jovens, ouvi estas palavras de Morôni, enquanto me sento:

“Não [nos] condeneis em virtude de [nossa] imperfeição... antes dai graças a Deus por vos ter manifestado nossas imperfeições, para que possais aprender a ser mais sábios do que nós fomos.” (Mórmon 9:31)

E para aqueles um pouco mais velhos, estas palavras dos tempos antigos:

“Por que como subirei eu a meu pai, se o moço não for comigo?...” (Gên. 44:34)

Em nome de Jesus Cristo, Amém.

Discurso proferido, na reunião do Sacerdócio, sábado, 6 de abril de 1974.



TRÊS DIAS NO SEPULCRO

**A ressurreição possibilita o progresso
eterno para toda a humanidade**

Élder Eldred G. Smith

Patriarca da Igreja

Na primavera passada, minha esposa e eu tivemos o maravilhoso privilégio de visitar a Terra Santa. No último dia de nossa estada em Jerusalém, saímos de manhã bem cedo do hotel e fomos a pé até o jardim do sepulcro. Para nosso encanto, estávamos sozinhos no jardim. Um sentimento de esmagadora reverência encheu nossos corações. Olhamos para a colina do Gólgota, o lugar da caveira. Pudemos imaginar as três cruzes ali erguidas e a legenda: "Este é Jesus, o Rei dos Judeus" sobre a figura agonizante do Cristo. (Vide Mat. 27:37) Surge a pergunta: "Seremos dignos de todo esse sofrimento por nós?"

Depois voltamos para o sepulcro — historicamente de propriedade de José de Arimatéia. Ali Jesus foi colocado por José e Nicodemos, assistidos pelas mulheres. Seus discípulos haviam-no abandonado. A entrada foi fechada com uma pedra e todos partiram — menos Maria Madalena e a outra Maria (Vide Mateus 27:60-61) que se assentaram encolhidas



perto do sepulcro. Depois, diante dele, foram postos guardas.

As Escrituras contam-nos que houve grande destruição em Jerusalém; o véu do templo "se rasgou em dois". (Mat. 27:51) Contudo, neste continente, a destruição foi bem maior. Houve grandes terre-

motos. Em três horas, cidades inteiras foram destruídas, algumas soterradas, outras queimadas. Montanhas apareceram onde antes havia cidades. Houve vendaval, depois tempestades e uma profunda escuridão cobriu a terra toda. Ao fim das três horas de destruição, ainda durante as trevas que perduraram por três dias, ouviu-se uma voz, apenas uma voz. Identificando-se como Jesus Cristo, a voz dizia:

"Eis que sou Jesus Cristo, o Filho de Deus. Eu criei os céus, a terra e todas as coisas que neles há. Tenho estado com o Pai desde o princípio. Estou no Pai e o Pai está em mim, e em mim o Pai glorificou seu nome.

"Vim aos meus e os meus não me receberam. E as Escrituras relativas à minha vinda se cumpriram." (3 Néfi 9:15-16)

Disse-lhes que a destruição aconteceu por causa da maldade deles, e que somente os mais justos haviam sido poupados. Possivelmente preparando-os para sua visita após a

ressurreição, mandou que se arrependessem e ele os receberia.

A voz falou ainda que a lei de Moisés fora por ele cumprida. "E vós não me oferecereis mais derramamento de sangue; sim, vossos sacrifícios e holocaustos concluíram-se, pois não aceitarei nenhum dos vossos sacrifícios e holocaustos.

"E me oferecereis como sacrifício um coração quebrantado e um espírito contrito..." (3 Néfi 9:19-20)

Em duas ocasiões distintas, durante seu ministério, ele disse: "...Misericórdia quero, e não sacrifício..." (Mat. 9:13 e 12:7)

Outra atividade importante, enquanto seu corpo jazia no sepulcro, foi visitar os espíritos dos mortos. Certa vez ele dissera: "Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão." (João 5:25)

Enquanto na cruz, ele disse ao ladrão crente: "...Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso." (Lucas 23:43)

Pedro nos diz: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus;

mortificado, na verdade, na carne; mas vivificado pelo Espírito.

"No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão;

"Os quais noutros tempos foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água." (1 Pedro 3:18-20)

Este é um dos grandes princípios do Evangelho. Proporciona a todos a oportunidade de ouvir e aceitar o Evangelho, e de continuar progredindo após a morte.

Pedro nos diz também que "por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito." (1 Pedro 4:6)

Assim duas coisas sublimes e maravilhosas aconteceram, enquanto o corpo de Cristo jazia no sepulcro. Primeiro, sua voz foi ouvida pelo povo deste continente, dizendo-lhes que os sacrifícios já não eram mais aceitáveis. Lembrai-vos de que ele ainda não havia ressuscitado. Após a ressurreição, ele voltou e se mostrou e pregou ao povo. Segundo, ele pregou aos espíritos em prisão.

No terceiro dia apareceu um anjo e removeu a pedra que fechava o sepulcro. Enquanto passeávamos pelo jardim naquela manhã, minha esposa e eu pudemos visualizar facil-



mente a pedra ali colocada. A entrada do sepulcro foi aberta na face perpendicular da montanha. Havia uma porta estreita, diante da qual existia uma espécie de calha, por onde a pedra podia ser rolada para ficar em posição de cobrir a entrada.

Recordamos como Maria Madalena e as outras mulheres haviam chegado na madrugada do primeiro dia da semana, trazendo unguentos para preparar o corpo, e encontraram aberta a sepultura. Ao examinarem o interior, um anjo disse-lhes que ele havia ressuscitado. Mandou que fossem contar o fato aos discípulos.

Maria encontrou-os e contou a Pedro e João. Os dois foram para lá correndo. João, sendo mais moço, chegou primeiro, olhou para dentro do sepulcro mas não entrou, até Pedro chegar e entrar primeiro. O corpo se fora, restavam apenas os lençóis, cuidadosamente dobrados. João e Pedro então voltaram para casa. "Porque ainda não sabiam a Escritura: que era necessário que ressuscitasse dos mortos." (João 20:9)

"E Maria estava chorando fora, junto ao sepulcro. Enquanto ela pois chorando, abaixou-se para o sepulcro;

"E viu dois anjos vestidos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés.

E disseram-lhe eles: Mulher, por que choras? Ela lhes disse: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.

E tendo dito isto voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não sabia que era Jesus.

"Disse-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem buscas? Ela, cuidando que era o hortelão, disse-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei.

"Disse-lhe Jesus: Maria! Ela voltando-se, disse-lhe: Raboni (que quer dizer, Mestre).

"Disse-lhe Jesus: Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus." (João 20:11-17)

As outras mulheres que haviam vindo ao sepulcro, por ordem dos anjos foram contar aos discípulos que ele havia ressuscitado. Jesus encontrou-as no caminho, "dizendo: Eu vos saúdo. E elas, chegando, abraçaram os seus pés e o adoraram." (Mat. 28:9)

Também a elas foi dito que fossem contar aos irmãos.

Ele apareceu a todos os discípulos, exceto Tomé e Judas, que se enforcara. Mais tarde, mostrou-se a todos os discípulos, inclusive Tomé.

"Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creem." (João 20:29)

Ele apareceu não só aos discípulos várias vezes e a quinhentos na Galiléia, mas também aos moradores **deste** continente. É o Livro de Mórmon que no-lo diz.

Ao percorrermos o jardim, Jeanne e eu estávamos sós. Entramos no sepulcro. Ali sentimos um espírito de paz, como ele disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize." (João 14:27)

Ali obtivemos um testemunho, conforme ele disse a Marta: "...Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá." (João 11:25)

Através da sua ressurreição, tornou-se possível o progresso eterno para toda a humanidade. Ele abriu o caminho para seguirmos infinitamente.

Senti a mesma coisa quando visitei pela primeira vez o Bosque Sagrado, no Estado de Nova Iorque. Ao entrar sozinho naquele bosque certa manhã bem cedo, veio-me o testemunho de que realmente o Pai e o Filho apareceram ao rapaz Joseph Smith, exatamente como Cristo havia aparecido a Maria no horto.

Ele vive de fato, e restabeleceu na terra o seu reino, em preparação para sua vinda em glória para aqui reinar.

Que Deus nos conceda a compreensão e entendimento para saber a sua vontade, e nos dê o desejo e a força para seguir seus ensinamentos, eu rogo em nome de Jesus Cristo. Amém.

Discurso proferido na sessão matutina de domingo, 7 de abril de 1974.

O Anhembi Espera Por Você Nos Dias 28 De Fevereiro 1 e 2 De Março De 1975.



Auditório principal, com 3.500 lugares.



Palácio das Convenções. Parque Anhembi, São Paulo, Brasil.

Fato nunca antes registrado no Brasil, torna-se agora uma realidade.

Nos dias 28 de fevereiro, 1.º e 2 de março/75, teremos a grande conferência de área que há muito aguardamos com grande ansiedade. Será para um grande número de SUDS, o maior acontecimento de suas vidas.

Ouvir as palavras do profeta, vidente e revelador, Presidente Spencer W. Kimball, bem como das demais Au-

toridades Gerais, será sem dúvida uma grande benção.

Estes servos do Senhor tem a missão sublime de tornar nossas vidas mais valorosas, nos indicando a fonte de riquezas espirituais. Portanto esta é a sua oportunidade de ouvir os mais belos e sábios conselhos por parte de homens, que têm dedicado suas vidas em trazer-nos os grandes e elevados ensinamentos do Senhor.

1ª Conferência Geral De Área

Instruções para os coros mistos N.ºs 1, 2 e 4

Trajes:

Homens — Camisas brancas e gravatas escuras. Ternos normais, porém não fantasiados (Se possível cantarão sem paletó no dia da apresentação).

Mulheres — Blusas **cor única** (não estampada) cores claras e suaves: branco bege, azul claro, verde claro, amarelo, rosa etc. Saia normal (dentro dos padrões).

Ensaios antes da apresentação:

Coro n.º 1

Estaca São Paulo Brasil
Estaca São Paulo Oeste Brasil
Estaca Campinas Brasil
Missão Brasil São Paulo Sul

Ensaio Geral

Sábado, 1.º de março, às 7:00 horas, no plenário do Palácio das Convenções — Anhembi — São Paulo
Regente — Benedito Carlos de Souza

Coro n.º 2

Estaca São Paulo Leste Brasil
Estaca São Paulo Sul Brasil
Estaca Santos Brasil
Missão Brasil São Paulo Norte

Ensaio Geral

Sábado, 1.º de março, às 12:30 horas, no plenário do Palácio das Convenções — Anhembi — São Paulo.
Regente — Gabriel Kemeny
(Não haverá tempo para almoço, portanto deverão tomar o desjejum reforçado).

Coro n.º 3

Seminário — Deverá receber instruções através dos supervisores do seminário.

Coro n.º 4

Estaca Curitiba Brasil
Estaca Porto Alegre Brasil
Estaca Rio de Janeiro Brasil
Missão Brasil Porto Alegre
Missão Brasil Rio de Janeiro

Ensaio Geral

Sábado, 1.º de março, às 16:30 horas, no plenário do Palácio das Convenções — Anhembi — São Paulo.
Regente — Hederino Martino Gonçalves

Ensaio Geral para última sessão

Coro composto dos coros ns. 1, 2 e 4 — Domingo, 2 de março, às 12:30 horas, no mesmo local. (Não haverá tempo para almoço, portanto deverão tomar o desjejum reforçado).

Regente — Gabriel Kemeny

Nota

Pedimos a compreensão dos que não terão tempo para almoçar, devido o horário. Haverá apenas 2 horas entre uma sessão e outra e o ensaio geral é imprescindível. A pontualidade nos ensaios deve ser absoluta — Atrasados não poderão participar. No dia e hora da apresentação todos devem estar em seus lugares 30 minutos antes do início da sessão.

Pessoas que não tiveram ensaios suficientes em suas alas e ramos **não deverão participar.**

As partituras dos hinos "Que Manhã Maravilhosa" e "Cidade Santa", deverão ser trazidas pelos participantes, pois não serão fornecidas cópias extras no dia da apresentação.

Pedimos que todos cooperem para o sucesso de cada coro numa ocasião tão maravilhosa.

Rogamos que o Senhor os inspire e abençoe nos seus preparativos

Presidente — Walter Spat

Presidente Lynn A. Sorensen

Notas Do Centro Editorial Brasileiro

Antecipando ao ano escolar 1975/76, acreditamos ser de grande ajuda para os líderes locais da Igreja, uma relação dos manuais que serão usados no próximo ano, bem como outras informações de interesse geral. Uma informação útil aos membros é a que se relaciona com a loja que o Centro Editorial Brasileiro mantém para atendimento ao público, particularmente dos membros. Esta loja permanece aberta de segunda a sexta, ininterruptamente, das 8,00 às 17,00 horas. Nesta loja os membros encontra-

rão todo o material que necessitam, incluindo as mais recentes obras de leitura devocional como: "Ensinamentos do Profeta Joseph Smith", "Jesus o Cristo" e mais recentemente o livro "O Milagre do Perdão". Com relação aos materiais que serão usados neste próximo ano, a direção do CEB tem planejado uma visita a todas as estacas e missões, para a apresentação e venda dos mesmos, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1975. Eis os manuais que serão usados neste próximo ano:

PRIMÁRIA

Raios de Sol	Código	PCPRO6A8PO	Preço	Cr\$	15,00
Estrelas — Curso B	"	PCPR10AAPO	"	Cr\$	15,00
CTR — Curso B	"	PCPR14A7PO	"	Cr\$	15,00
Arqueiros — Curso B	"	PCPR18A4PO	"	Cr\$	15,00
Garota Feliz — Curso B	"	PCPR22A6PO	"	Cr\$	15,00
Luzeiros — Curso B	"	PCPR26A3PO	"	Cr\$	15,00
Primária — Eu Tentarei Ser Reverente	"	PEPR4325PO	"	Cr\$	5,00
Hinário — Cante Comigo	"	PBMU0097PO	"	Cr\$	18,00
Apresentação da Reunião Sacramental "Eu Seguirei a Jesus"	"	PXMPOO75PO		N/C	

ESCOLA DOMINICAL

Curso 3 — Eu Tenho Um Pai Celestial	Código	PCSS06APO	Preço	Cr\$	15,00
Curso 4 — Aprendemos Sobre Nosso Pai Celestial	"	PCSS08A3PO	"	Cr\$	15,00
Curso 6 — Aprendemos Sobre Nosso Salvador	"	PCSS12A5PO	"	Cr\$	15,00
Curso 8 — Vinde a Mim	"	PCSS16A2PO	"	Cr\$	15,00
Curso 10 — Essências do Evangelho "Manual do Professor"	"	PCSS20A4PO	"	Cr\$	15,00
Curso 10 — Essências do Evangelho "Manual do Aluno"	"	PCSS21FOPO	"	Cr\$	3,00
Curso 12 — Suplemento do Livro de Mórmon	"	PCSS24S2PO	"	Cr\$	10,00
Curso Doutrina do Evangelho O Velho Testamento — Êxodo até Malaquias	"	PCSS54SOPO	"	Cr\$	3,00

CURSO DE ESTUDO PARA O SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE

Quando Te Converteres, Confirma Teus Irmãos	Código	PCMP60E6PO	Preço	Cr\$	5,00
---	--------	------------	-------	------	------

SOCIEDADE DE SOCORRO

Curso de Estudo para a Sociedade de Socorro	Código	PCRS56E9PO	Preço	Cr\$	5,00
---	--------	------------	-------	------	------

Recentemente foi enviado à todas as alas e ramos, um catálogo completo de todos os materiais em uso nas estacas e missões, com os respectivos preços. Será enviado, também, um formulário apropriado para requisição de material, e é uma solicitação e norma do CEB, que os pedidos sejam acompanhados de cheque visado pagável em São Paulo, em nome do CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO.

